

PARALELLUS

REVISTA ELETRÔNICA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - UNICAP

ISSN 2178-8162



Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
Recife, Pernambuco, Brasil.



v. 6,
n. 11

Especial

José
Comblin

PARALELLUS

<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/index>



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP

Coordenação Geral de Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Administração Superior

Presidente

Pe. Miguel de Oliveira Martins Filho, SJ.

Reitor

Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, SJ.

Pró-reitora Acadêmica

Profª. Dra. Aline Maria Grego

Pró-reitor Administrativo

Prof. Me. Luciano José Pinheiro Barros

Pró-reitor Comunitário

Prof. Dr. Pe. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, SJ.

Coordenação Geral de Pesquisa

Profa. Dra. Maria da Graça de Vasconcelos Xavier Ferreira

Coordenação Geral de Pós-graduação

Profa. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

Coordenador do Mestrado em Ciências da Religião

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

Equipe Editorial

Coordenação Editorial

Esdras Carlos de Lima Oliveira, UFU-MG

Gilbraz de Souza Aragão, UNICAP

José Roberto de Souza, UNICAP

Júlio César Tavares Dias, UFJF

Luiz Cláudio Barroca da Silva, UNICAP

Mariano Vicente da Silva Filho, UNICAP

Paulo César Pereira, UNICAP

Walter Valdivino do Amaral, UFU-MG

Newton Darwin de Andrade Cabral, UNICAP

Editor Gerente/Editor de layout

Mariano Vicente da Silva Filho

Conselho Científico

Drance Elias Silva, UNICAP

Emanuela Sousa Ribeiro, UFPE

Fernanda Lemos, UFPB

Flavio Augusto Senra Ribeiro, PUC-MG

Irene Dias de Oliveira, PUC-GO

Ivaldo Marciano de F. Lima, UNEB-BA

Karl Heinz Efken, PPGCL, UNICAP

Luiz Carlos Luz Marques, UNICAP

Newton Darwin Andrade Cabral, UNICAP

Sergio Sezino Douets Vasconcelos, UNICAP

Valmor da Silva, PUC-GO

Foco e Escopo

PARALELLUS é um periódico eletrônico, semestral, com ISSN 2178-8162, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco. Seu objetivo é divulgar a produção do conhecimento sobre o fenômeno religioso no Brasil. A revista publica textos inéditos de discentes, docentes e pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e áreas afins.

Os trabalhos da PARALELLUS são publicados na forma de artigos para as seções Dossiê e Temática Livre; Comunicação e Resenhas/Recensão. Os textos são submetidos ao check list das normas da revista, à pré-avaliação de membro da Comissão Editorial e, se aprovados, são enviados à Comissão de avaliação, para dois (2) avaliadores ad hoc. Aceita-se textos em formato Word e/ou BrOffice Write (doc, docx, odt): artigos entre 10 e 15 páginas; resenhas, com, no máximo, 5 páginas.

Processo de Avaliação por Pares

O sistema de avaliação da revista é o duplo-cego.

A Revista conta com um conselho científico e com uma Comissão Avaliadores pareceristas ad hoc, constituídos por um grupo de especialistas de notório saber em Ciências da Religião e áreas afins constituintes do Campo epistemológico das Ciências da Religião. O conselho científico é composto de conselheiros temáticos provenientes do Programa de Pós-graduação interno e externo a UNICAP, que também contribuem no processo de avaliação. Quando, porém, em função do tema do artigo, faz-se necessário um saber específico, a Comissão editorial poderá convocar pareceristas ad hoc. O processo de seleção de artigos envolve a avaliação de dois ou três especialistas pareceristas ad hoc. Cada artigo é enviado a dois pareceristas, no processo de parecer duplo cego (blind peer review). Caso um dos pareceristas aprove e o outro não recomende a publicação, o artigo é submetido a um terceiro parecer, após a devida revisão. Esse parecer é de desempate. Qualquer artigo é submetido ao mesmo sistema de avaliação, salvo quando resultante de convite da Comissão Editorial.

Periodicidade

Semestral. O primeiro número corresponde ao período de janeiro a junho, enquanto o segundo, de julho a dezembro. As chamadas serão sempre previamente publicadas no menu NOTÍCIAS.

Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Diretrizes para autores

- <http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/paralellus/about/submissions#authorGuidelines>

Endereço e contato da Paralellus

- <http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/paralellus/index>
- paralellus.unicap@gmail.com ou
- revcr@unicap.br

Indexadores e Bases de Dados

- LATINDEX
- SEER/IBICT
- DIADORIM
- PKP (Public Knowledge Project)/ Open Archives Harvester)
- DOAJ?

Ficha Catalográfica

Elaborada pela Biblioteca Central da Unicap

PARALELLUS - Revista Eletrônica em Ciências da Religião-Unicap / Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciências da Religião. v. 1, n. 1, (2010). Recife, 2010 - [on-line]

Semestral

ISSN 2178-8162

1. Religião – Periódicos. I. Universidade Católica de Pernambuco

CDU 2(05)

Comblin, mais uma vez Comblin

Comblin, more one time Comblin

"Eu estava desesperado e cheguei à conclusão de que na Europa a Igreja não tinha mais futuro. Estávamos nos anos 50. Todos os sinais que anunciavam a situação atual em que a Igreja foi praticamente excluída da sociedade europeia já estavam presentes. Mas, a maioria não se dava conta e vivia tranquilamente de ilusões. Eu não queria perder a vida assistindo impotente a uma decadência sem remédio. A história confirmou o meu pressentimento. Graças a Deus tomei a decisão que salvou minha vida. Ninguém me deve nada. Eu sou quem deve a todos aqui na América Latina".

José Comblin.

Esta é a segunda vez que a Revista Paralellus traz uma edição em homenagem ao teólogo José Comblin. A primeira vez foi o dossiê apresentado em nosso v. 4, n. 7, de 2013, que contou com a grande colaboração do mestre em Ciências da Religião, estudioso da obra combliniana e amigo de Comblin, o pastor batista Paulo César Pereira. A partir daí o mesmo passou a integrar o quadro editorial deste periódico. Desta vez, a edição está composta, na sua maioria, pelas comunicações apresentadas durante a Semana de Estudos José Comblin – Religiões, Religiosidades e Diálogos: perspectivas a partir do teólogo José Comblin, que ocorreu durante os dias 3 e 4 de setembro de 2014, no campus da UNICAP.

O padre belga José Comblin trabalhou desde 1958 no Brasil como autor e ativista político-social, e viveu boa parte do tempo no Nordeste, ainda assim teve também passagem pelo Sudeste, lecionando em diversos lugares. Foi um dos fundadores da Teologia da Libertação. De seu contato com grupos rurais nasceu sua metodologia de estudos que veio a se chamar "Teologia da Enxada". Viveu no Chile de 1962 até 1965, quando voltou para o Brasil para trabalhar com Dom Helder Câmara, em Recife. Além de D. Hélder, assessorou outros bispos importantes no processo de renovação eclesial na América Latina: D. Leônidas Proaño, na Diocese de Riobamba, Equador, acompanhando as lutas de povos indígenas, e D. José Maria Pires, na Paraíba, acompanhando grupos

negros e comunidades eclesiais de base. Por sua pastoral atuante e por sua visão crítica sofreu a repressão política no Brasil, de onde foi expulso pelo governo militar em 1972 e no Chile, de onde foi expulso em 1980. Faleceu no mês de março 2011, aos 88 anos. Escritor profícuo, por ocasião dos seus oitenta anos fez-se um levantamento de sua produção que na época já contabilizava 309 títulos de sua produção de artigos e conferências. Esse levantamento foi publicado na coletânea *A Esperança dos Pobres Vive* (São Paulo: Paulus, 2003), feita em sua homenagem¹.

Há grupos de estudo sobre o pensamento do padre José Comblin espalhados em várias Universidades e Comunidades. No Nordeste brasileiro esses grupos possuem uma dinâmica própria de reuniões e encontros. Na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, por ocasião da III Semana de Teologia José Comblin, em 2013, discutiu-se a possibilidade desse evento se multiplicar por outros centros acadêmicos nordestinos, sobretudo em Recife e Fortaleza. A UNICAP assumiu o desafio e convidou os estudiosos da religião para uma Semana de Estudos sobre a teologia socialmente engajada de Comblin, em setembro de 2014.

Com efeito, desde 2013, o Núcleo de Estudos José Comblin reúne na Universidade Católica de Pernambuco as pessoas interessadas na reflexão crítica sobre o pensamento desse grande teólogo e na reflexão sobre a missão cristã no mundo, tomando por base as ideias e o testemunho do Padre Comblin. (Mais informações sobre o Núcleo de Estudos José Comblin poderão ser obtidas na página do grupo: www.unicap.br/comblin. Endereço também disponibilizado em um dos canais externos aqui da Paralellus, no lado esquerdo, abaixo, ou no menu acima). Ele deixou na UNICAP não apenas a sua grande biblioteca, mas também muitos amigos, com a tarefa de continuar semeando uma espiritualidade libertária e comprometida.

Por isso, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Católica de Pernambuco abriu no “Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos”, registrado no CNPQ, uma linha de pesquisa sobre o Pensamento de José Comblin. Esse Grupo, partindo da constatação da complexidade de performances do cenário religioso atual, propõe-se a analisar os deslocamentos religiosos, dando ênfase às várias tentativas de configuração de diálogo inter-religioso, bem como às novas gramáticas constitutivas das identidades religiosas.

Com essa linha de pesquisa sobre o Pensamento do Padre Comblin, que estrutura o Núcleo de Estudos que leva o

¹ Nesta apresentação que fazemos dos dados biográficos de José Comblin seguimos de perto a que fizeram Cláudio de Oliveira Ribeiro e Daniel Santos Souza no livro *Teologia das Religiões em Foco: um guia para visionários* (São Paulo: Paulinas, 2012, p. 125-126).

seu nome, especial destaque tem se dado à colaboração da sua teologia e da sua história para a reflexão sobre as identidades e alteridades que as religiões promovem. A Semana de Estudos na UNICAP, então, foi um momento bastante oportuno para o compartilhamento desses estudos e pesquisas com pensadores de outras regiões e especialidades.

Esta edição traz um total de nove trabalhos em homenagem a José Comblin. Alguns disponibilizados na Seção Artigos; outros, por sua vez, com perfil mais testemunhal, nas Comunicações, onde se contempla também um Documentário produzido pela Revista Paralellus especialmente para esta edição. Abrem o Número Especial três artigos. O primeiro deles, *Análise da ação humana a partir do pensamento de José Comblin*, é na verdade uma exceção aqui, pois não foi um texto apresentado na Semana de Estudos José Comblin. O trabalho de Alzirinha Souza foi elaborado a partir da sua Tese, defendida no mesmo período da semana dos Estudos, em Louvain, na Bélgica. O texto analisa a relação Esperança e ação humana e apresenta a argumentação de Comblin quanto a essencialidade da ação na constituição da pessoa tanto humana como cristã.

No artigo seguinte, *José Comblin: um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo*, de Jorge Roberto de Araújo Aguiar, é feita uma aproximação entre o intelectual orgânico de Gramsci e

sua reconfiguração pelo neoliberalismo, para depois mostrar o compromisso de José Comblin com a luta histórica para a libertação dos pobres, principalmente observando a leitura de seu livro **O caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus** (São Paulo: Paulus, 2004).

No artigo *O tema da transformação no pensamento de José Comblin*, Eduardo Hoornaert mostra como o pensamento de Comblin segue a filosofia da transformação, tal qual vai expressa na Bíblia e outros documentos do pensamento tradicional da humanidade. Este também não foi apresentado durante a Semana de José Comblin, mas o autor, sabendo de nosso interesse em publicar um Especial sobre José Comblin, se dispôs a submeter um artigo sobre outra faceta do pensamento combliniano.

Seguem-se os textos que chamamos de Comunicações. O primeiro deles é o de Maria Celina Correia Leite que apresenta o padre *Comblin e a espiritualidade do provisório*. O texto consiste de um relato pessoal, onde a autora conta como a convivência com Comblin marcou a sua vida e também o seu compromisso de serviço cristão. A partir daí, a autora passa a compartilhar suas impressões de leitura sobre alguns dos livros de Comblin que julga, além de os mais importantes, os seus preferidos.

O segundo texto das comunicações, *José Comblin, homem do Espírito*, de Dom Sebastião Armando Gameleira Soares, bispo emérito da

Diocese Anglicana do Recife (Comblin era realmente um irmão universal), consiste de um testemunho acerca do padre José Comblin, apresentando-o como personalidade genial, testemunha da tradição de Jesus, sábio e mestre. José Comblin é apresentado como “homem do Espírito” não só pelo lugar que a pneumatologia ocupa no pensamento do Comblin teólogo, senão também pelo lugar do Espírito Santo como animador do Comblin homem e cristão.

O terceiro texto, *O Apocalipse como fonte inspiradora da cristologia de José Comblin*, Eduardo Hoornaert, volta os olhos para um dos primeiros livros de Comblin, “*Le Christ dans l’ Apocalypse*”, publicado em 1965, e que na verdade consiste de uma adaptação da tese de doutorado de Comblin, *La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Ap 21:1-22:5)*, defendida na Universidade de Lovaina nos anos 1950.

Segue o texto de Marcelo Barros, *O Padre Comblin e a sua teologia política*, que parte também do livro ‘*Le Christ dans l’ Apocalypse*’, mostrando-nos a partir de uma leitura atenta desse livro um Comblin que já apresentava sensibilidade social e que já nos faz descobrir ou, pelo menos, antever o

teólogo da libertação que ele seria (e foi) no Brasil.

O Pe. Paulo Suess prestigiou-nos com suas poucas palavras, porém, com um perfil poético, profundo e capaz de emocionar a todos que leem *Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: o retorno do enviado do Pai*. Reconhece e identifica o Pe. Comblin instruindo e testemunhando como ser autenticamente humano (por isso, divino, enviado). Na verdade, “Três em um”: “*Peregrino, profeta, professor; sempre três em um, memória ambulante, missionário, mediador; com passo lento e voz mansa ordena tempos, tece redes, cata ventos; posseiro militante do tempo que ara, traz de cavernas remotas notícias de vida e sobreviventes*” ...

O último trabalho, de Luis Carlos de Lima Pacheco, o documentário *Comblin: Missão e Liberdade*, gravado durante a Semana de Estudos José Comblin, em que compartilha depoimentos de pessoas que conviveram com o padre belga.

Paralellus considera assim estar prestando um serviço à memória do Pe. Comblin e aos desejosos de ver sua trajetória como homem e teólogo espalhados pelo Brasil e, quiçá, pelo mundo. Desejamos a todos boa leitura.

Júlio César Tavares Dias²,
Editor.

² Doutorando em Ciências da Religião pela UFJF-MG. Bolsista CNPQ. Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Bacharel em Filosofia pela UFPE. Licenciado em Letras pela UPE.

Análise da ação humana a partir do pensamento de José Comblin

Analysis of Human Action in the José Comblin's Thinking

Alzirinha Souza¹

Resumo

Este artigo visa apresentar parte das conclusões obtidas na pesquisa realizada em minha tese doutoral, realizada na Université Catholique de Louvain, que teve como autor central estudado José Comblin. Nela, analisamos de forma ampla a relação entre Esperança e Ação humana a partir de seu pensamento. Neste texto, nos deteremos especificamente a apresentar a argumentação de Comblin quanto a essencialidade da ação na constituição da pessoa tanto humana como cristã.

Palavras-chave: José Comblin. Ação humana. Esperança. História.

Abstract

This article provides part of the conclusions that have been obtained from the extensive research of my PhD thesis, accomplished in *Université Catholique of Louvain*, that had José Comblin as a central author. Starting from his thought, we have analyzed the relationship between Hope and Human Action in a wide way. In this text we will specifically present Comblin's argumentation as the essentiality of the action in a person's constitution, both Human and Christian.

Keywords: José Comblin. Human action. Hope. History.

¹ Mestre em Teologia Dogmática Universidad San Dámaso – Madrid. Doutora em Teologia pela Université catholique de Louvain, Bélgica, Departamento Teologia Prática – Tese: “El análisis de la desconexión de sentido entre la Esperanza y la Acción Humana, a partir de la obra de José Comblin”. E-mail: alzirinhasouza@hotmail.com

1 Introdução

Nossa pesquisa doutoral nasceu da observação da realidade da ação pastoral desenvolvida dentro dos cursos de Teologia para leigos, organizados pelas Regiões Episcopais da Arquidiocese de São Paulo, no que toca a dificuldade apresentada por seus participantes, no engajamento às propostas pastorais.

Com o objetivo de verificar de forma científica nossa percepção inicial do terreno, na primeira etapa de nossa tese foi realizada uma pesquisa de campo, na qual utilizamos o método sociológico da *Théorization Ancré* ou *Grounded Theory*. Como resultado deste trabalho encontramos a teoria final, que foi o fio condutor da pesquisa: “há uma desconexão de sentido entre a Esperança e a realização da ação humana”. Apesar do reconhecimento da importância da ação humana e a afirmação da Esperança de transformação, mais de 90% das pessoas entrevistadas não afirmaram haver conexão entre os dois.

A questão central de nossa tese foi trabalhada a partir da obra e do pensamento de José Comblin, uma vez que em sua visão Esperança e Ação humana não são jamais desconectadas. De outra forma, nossa pesquisa se concentrou sobre o desvelamento do pensamento de Comblin no que tange a conexão entre Esperança e Ação humana, e as possíveis re-soluções, re-

proposições ou re-situação que sua teologia pudesse aportar à questão central encontrada na pesquisa de campo.

Trabalhar a obra de Comblin a partir da identificação de um fenômeno existente na realidade nos conduziu a primeira e fundamental decisão metodológica de nossa Tese: sua obra foi tratada a partir da perspectiva da Teologia Prática (TP²). Essa decisão nos permitiu igualmente definir as três questões centrais as quais a pesquisa deve responder. São elas:

- a) A Teologia de José Comblin pode ser considerada como Teologia Prática?
- b) Qual é a compreensão de Esperança e Ação humana em seu pensamento e como essas se vinculam?
- c) De uma maneira mais ampla, qual é a contribuição de seu pensamento à Teologia da ação e à Teologia Prática?

Respeitando o sentido mesmo da Teologia Prática, que é uma teologia

² É importante ressaltar que, na Seção II de nossa Tese, foi apresentado um longo estudo sobre a Teologia Prática Francesa, a partir do pensamento de Henri Bourgeois. A partir dos parâmetros de Bourgeois comprovamos dois pontos essenciais: 1) as razões pelas quais Teologia Latino-Americana da Libertação, e por consequência a Teologia de José Comblin que se insere em esta última, podem ser efetivamente consideradas como Teologia Prática e 2) o aporte metodológico da Teologia Latino-Americana da Libertação à Teologia Prática Francesa.

fundamental que toma em consideração a realidade (MOLINARIO, 2013), realizamos em nossa pesquisa, a análise da ação humana conjugada ao sentido da Esperança não a partir da perspectiva moral, mas a partir da perspectiva prático-dogmática. O distanciamento da perspectiva moral nos permitiu deslocar a pesquisa do “*como*” realizar a ação ao “*por que*” de sua realização. Realizando esse deslocamento, as questões de fundo que se apresentam são: qual é o fundamento teológico da ação na vida cristã? Por que o cristão deve necessariamente agir?

Ao responder essas duas perguntas, encontramos o que ao nosso ver, é a maior originalidade do pensamento de Comblin sobre a questão da ação humana. Ao afirmar que “*a teologia da ação é eminentemente uma teologia do Espírito*” (COMBLIN, 1986, p. 4), nosso autor recupera e aprofunda não somente o estudo da ação do Espírito no mundo, senão que permite também a reflexão em uma perspectiva mais ampla: aquela da compreensão, da amplitude, da importância e do fundamento de toda ação humana. Visto a partir da perspectiva pneumatológica, a ação encontra seu fundamento em Deus mesmo: elas não são ações ordinárias, mesmo se elas são realizadas no ordinário da história.

Embora tenhamos citado anteriormente três perguntas centrais, neste texto apresentaremos a compreensão de Comblin sobre a ação

humana³. Contudo, podemos afirmar que o resultado global de nossa pesquisa, está embasado na articulação de três temas centrais trabalhados: Teologia Prática, Teologia da Libertação e a Teologia de José Comblin, demonstrando suas complementaridades e especificidades.

³ Especificamente esse tema foi tratado na Seção III de nossa Tese. Especificamente a pergunta 2. *Paralellus*, Recife, v. 5, n. 10, p. 9-18, jul./dez. 2014.

2 Análise da ação humana a partir de José Comblin

Antes de entrarmos em nosso tema, acreditamos ser importante explicitar que a obra de Comblin em nossa tese foi trabalhada em dois níveis. O primeiro nível busca responder a questão central encontrada na pesquisa de campo, ao passo que o segundo nível demonstra o aporte da teologia de Comblin à Teologia Prática notadamente em sua questão metodológica.

O tema que ora apresentamos se situa no primeiro nível de nossa análise. Esse foi pensado a partir de dois sentidos: o *Sentido Estrito*, através do qual nós buscamos a compreensão da ação e da Esperança e como Comblin estabelece a relação entre elas; e o *Sentido Amplo*, que concerne ao posicionamento de sua Teologia, tanto na Teologia Prática quanto na Teologia da Libertação.

Em sentido estrito, nós buscamos possíveis aportes à nossa questão central. Nós podemos identificar em princípio que a reflexão de Comblin sobre o tema nasce da identificação de uma ausência dentro de Teologia da Libertação de uma análise mais profunda sobre a ação humana.

Segundo nosso autor, a reflexão da TdLib⁴ em relação a ação se fixou antes em sua definição, sua realização e metodologia que em sua compreensão. A

urgência social, política, econômica e eclesial do contexto latino-americano nos anos em que essa teologia se constituía exigia o fazer e não o pensar. Em tanto que teologia, foi primeiramente trabalhado a estruturação das bases metodológicas e sistemáticas (frase confusa). Para nosso autor a constituição da TdLib, foi fixada sobre a práxis, onde a práxis mesma foi pensada de maneira parcial.

É desta percepção que nasce o aporte *combliniano* e sua reflexão que responde a questão central de nossa tese (COMBLIN, 1986, p. 30)⁵. Nosso autor desenvolve sua reflexão a partir do que ele mesmo considera a contribuição de seu pensamento à Teologia, isto é, a reflexão pneumatológica (COMBLIN, 2012, p. 13)⁶, associada à história e à antropologia. Entre as experiências do Espírito consideradas por Comblin (ação humana, liberdade, palavra, comunidade

⁴ Utilizamos a abreviação TdLib para Teologia da Libertação.

Paralellus, Recife, v. 5, n. 10, p. 9-18, jul./dez. 2014.

⁵ O afastamento realizado entre Espírito e ação, segundo Comblin também se dá na TdLib. "Hasta el presente puede decirse que las teologías de la liberación han seguido las huellas de la teología occidental. Es notorio que ignoran las teologías del Oriente. Buscan una cristología, pero la mayoría de veces se fundamentan, ante todo, en su eclesiología. Este hecho se agrava al pretender ser teología de la praxis, pues al abordar el cristianismo por el ángulo de la praxis, nos encontramos de inmediato con el Espíritu" (COMBLIN, 1986, p. 30).

⁶ "Quase todos meus livros foram escritos por encomenda. A única coisa que partiu de mim mesmo foi o que desejava deixar como tratado sobre o Espírito, ou seja uma pequena contribuição de minha parte à Pneumatologia" (COMBLIN, 2012, p. 13).

e vida⁷) nós aprofundamos a análise daquela que toca diretamente à questão central de nossa tese que é a ação humana.

Para compreender sua perspectiva, nós estruturamos a leitura de sua obra a partir da identificação de quatro elementos:

- a) Onde se situa o homem que age (categoria da História);
- b) Quem é o homem que age (categoria antropológica);
- c) O que é a ação humana (categoria metodológica); e finalmente,
- d) Qual a sua compreensão de Esperança e como essa última se liga na ação humana (categoria sistemática). A resposta a nossa questão inicial vem da inter-relação dessas quatro proposições.

2.1 A ação humana segundo Comblin

Para Comblin a história é o espaço de ação e de convergência entre Deus e o humano. É na perspectiva de Irineu, que ele encontra seu fundamento. Deus age na história a partir de suas duas mãos, o Filho e o

Espírito (COMBLIN, 1986, p. 22), por intermédio da ação humana. Por essa razão o humano pensado por Comblin não age de maneira improvisada: ele o faz estimulado pelo Santo Espírito tendo como parâmetro a ação do Filho. Sua ação é expressão atualizada da prática de Jesus que exprime o “seguimento de Jesus”. Nisso consiste a amplitude da ação humana: ela é reveladora da ação de Deus na história.

Afirmar a origem da ação humana em Deus define também sua antropologia. O humano *combliniano* não atua na história unicamente por dever. Ele se torna o “homem novo” (COMBLIN, 1980, p. 577) que afirma sua relação interpessoal com Deus. Ele é aquele que convertido pelo Evangelho, situado na comunidade, e impulsionado pelo Espírito, realiza ações que refletem a ação de Deus na História. Essas são ações de libertação ou Esperança.

Nesse sentido a lógica é inversa: libertação e esperança não vêm somente da determinação humana e política. Elas não excluem essas duas vertentes, que sozinhas não são suficientes para determinar a perspectiva teológica da ação humana. A última razão para afirmar que ação humana é de libertação ou esperança, é que libertação e esperança são expressão de Deus e caracterizam sua ação expressada através da ação humana.

É no que Comblin chama de “o Humanismo de Deus” (COMBLIN, 1982,

⁷ Estas experiências foram trabalhadas de forma individual por Comblin, originando uma série de obras que refletem profundamente de cada uma delas. São elas: *O tempo da Ação*, *A força da Palavra*, *Vocação para a liberdade*, *O povo de Deus*, e *A Vida: em busca da liberdade*, *O Espírito no mundo*, *O Espírito Santo e sua missão*, *O Espírito Santo e a libertação*, e fazendo parte dessa sequência, a obra póstuma publicada em 2012, *O Espírito Santo na Tradição de Jesus*.

p. 124-125)⁸, que nosso autor encontra o destinatário prioritário da ação e expressão divina: os pobres, aqueles que estão no ordinário e na opressão das forças históricas. Eles são os atores prioritários e paradigma do processo de libertação e de esperança. Eles são os que ambicionam mudar a situação onde se encontram. Por isso nosso autor afirmará que o Evangelho de Jesus é feito para aqueles que têm esperança, que dão a si mesmo a oportunidade construir sua liberdade e que desejam sua transformação pessoal e da realidade.

Aquele que age movido pelo Espírito, realiza o “seguimento de Jesus”. O Espírito age no discernimento humano, sem retirar sua liberdade, autonomia e guardando a consciência individual. Sua ação específica consiste em mostrar uma nova realidade sobre a qual o homem deve agir livremente. Por essa razão afirma Comblin: “O discernimento é a novidade cristã sobre o plano da ação. Seu exercício é na compreensão da situação real, na compreensão do sentido do Espírito e na adequação entre Espírito e mundo atual” (Comblin, 1986).

O homem para Comblin é aquele que espera. Essa não é somente aquela da realização futura, mas também aquela que concerne a essência humana.

Essa se revela vinculada à ação permitindo a integração de todas as dimensões humanas no processo da História, que serão finalmente completadas na meta-história. Sua perspectiva é da Escatologia da Pessoa.

Nesse sentido, a Esperança não é abstrata ou teórica, e nem se limita somente a perspectiva de sua realização. Embasado na perspectiva Paulina, nosso autor afirma que ela é diretamente ligada ao homem e à sua realidade. Ela é tomada a partir da pessoa de Jesus que anunciando o Reino de Deus, desloca sua realização ao centro da história.

Por essa razão, a história deixa de ser um espaço de espera passiva. Aproximando-se do pensamento de Moltmann, Comblin afirmará outro dinamismo de espera: a espera positiva. A esperança gera nova qualidade à espera presente. Essa se torna um modo de ação. Uma nova forma de viver que aporta qualidade ao tempo vivido.

Se inaugura uma atividade de espera que longe de ser passiva (*Akedia* humana) (COMBLIN, 1974, p.84), se traduz nas ações impulsionadas pelo Espírito que permitem a construção do homem, a transformação do mundo e que é caminho para a revelação do Reino de Deus no presente da História.

Nesse sentido a ação humana estimulada pelo Espírito, não é mais uma simples ação, mas se transforma em um testemunho. É uma ação que dá vida aos homens e que os motiva à realização de novas ações de esperança.

⁸ No artigo **Humanité et libération des opprimés (1982)**, Comblin faz um breve recorrido histórico de todas as correntes humanistas para demonstrar as diferenças de perspectiva de cada uma em relação ao Humanismo de Deus. Ver também: Comblin (1974, p. 84).

Segundo Comblin, o que se espera hoje das ações daqueles que constituem a comunidade, é o mesmo que realizaram os Apóstolos: o testemunho do Evangelho. Uma ação qualquer não é testemunho. Ela pode até chegar a ser condição para um testemunho. Mas a condição para que seja, é que seja absorvida pelos homens, que penetre em suas vidas e que lhes provoque uma reação. O testemunho é a ação que intervém sobre a vida dos homens, em razão de Deus e por ação do Espírito que toma a iniciativa e guia os testemunhos (COMBLIN, 1964, p. 13).

Por essa razão nosso autor, diferencia as duas formas que caracterizam a ação humana. A primeira denomina "operação humana". Essa prima pela técnica, pela eficácia que apontam a efeitos precisos. Cada gesto somente assume sentido no conjunto que resulta uma operação eficaz (COMBLIN, 1968, p. 18). Os responsáveis por sua realização são os "técnicos". Dependentes da sociedade estabelecida, tendem ao conformismo e se prestam à realização das tarefas não de forma gratuita, senão como servos (COMBLIN, 1977, p. 79)⁹. Admitem

somente mudanças que seguem estruturas previstas pelo quadro da sociedade e garantem o progresso linear e contínuo da humanidade com o uso da técnica (COMBLIN, 1968, p. 18).

Contudo, segundo Comblin, no mundo dos homens, a eficácia jamais é totalmente garantida. Objetivar o mundo somente por operações humanas é criar uma abstração que não corresponde à realidade, uma vez nela está incluído também o ineficaz. O mesmo vale para o mundo real, que não é determinado em si mesmo e pré-estabelecido, senão que é o mundo de homens entre os quais se encontram os que buscam a liberdade.

Nesse sentido, no contraponto da "operação humana", está a "ação humana". Esta leva em consideração o discernimento e a eleição de operações de forma que a ação valha por si mesma, independente da eficácia que possa ter (COMBLIN, 1986, p. 81)¹⁰. Nessa condição, a ação humana é centrada sobre o presente, porque considera primeiro a realidade e não a eficácia, toma posição frente aos homens, ante um mundo que pode ser transformado.

Os responsáveis pela realização de "ações humanas" são os intelectuais. São os que permitem que o pensamento vá mais longe que a ação, sem deixar de realizá-las. São os que pensam a

⁹ No texto **Teología ¿qué clase de servicio?**, Comblin (1977, p. 79) realiza outra abordagem para destacar os reflexos das ações dos "técnicos" dentro do contexto eclesial. Afirma Comblin: "Es lo que ocurre, en el mundo capitalista con la aspiración por el modelo tecnócrata (Cursillos de Cristiandad, Opus Dei, es la tendencia que representa mejor que cualquier otro libro el tan conocido Camino, que es casi la carta de cristianización del modelo tecnocrático".

¹⁰ Afirma Comblin: "La lucha contra el mal se impone por sí misma, aunque fuese ineficaz. La lucha contra la muerte por la vida, contra la injusticia por la justicia, contra la corrupción del espíritu y a favor de la verdad, se impone siempre y en cualquier condición".

totalidade, ao igual que pensam nas coisas que sobrepassam o alcance do poder tal como: a verdade, a justiça, o direito. Submetem tudo à crítica e percebem as ineficácias das situações perante todos os outros e por isso são sempre temidos (COMBLIN, 1968, p. 22).

Para Comblin, o ciclo completo da história da salvação se realiza em cada

ação verdadeiramente humana. Elas são as que revelam o Reino de Deus: é libertação vivida sobre a forma de atividade (COMBLIN, 1968, p. 82). Isso é possível, a partir da consideração da situação do Espírito na origem da ação: o Reino de Deus na terra, não é estado do mundo, nem estado da Igreja, senão que da ação humana (COMBLIN, 1968, p. 83).

6 Conclusão

A título de conclusão, podemos finalmente afirmar que, tratando a ação por intermédio da perspectiva pneumatológica, Comblin realiza três deslocamentos substanciais à análise da ação humana:

- a) O primeiro desloca a ação da dimensão eclesial ou global à dimensão individual. Diferentemente do conceito de práxis histórica de Ellacuría (AQUINO JUNIOR, 2012, p. 108) que inclui toda a Igreja tomada como comunidade, Comblin parte da ação precisa de cada um que compõem essa comunidade.
- b) O segundo deslocamento faz referência a racionalização da ação. Ele se distancia da compreensão puramente filosófica, utilizando uma argumentação eminentemente

teológica. Situar o Espírito na base da ação é o reconhecimento de que somente a filosofia não é suficiente para traduzir seu sentido, importância e amplitude. O nível da relação entre Deus e homem não se produz somente pela razão, porque o ser humano não é somente razão.

- c) Finalmente, o terceiro reforça a perspectiva que nós adotamos em nossa tese, aquela que desloca a ação do campo da moral ao campo teológico da Teologia Prática. Segundo Comblin a ação associada ao Espírito deixa de ser uma "operação humana" (que prima pela técnica e pela eficácia) para se tornar uma "ação humana" (COMBLIN, 1968, p. 18-36), que toma em

consideração o outro, sua compreensão mesma, o contexto, as consequências e o porquê de sua realização e,

por isso, pode se tornar expressão mesma da ação de Deus e revelar seu Reino na História.

Referências

AQUINO JUNIOR, Francisco. **Teoria teológica**. Práxis teologal. Sobre o método da Teologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2012.

COMBLIN, José. **O provisório e o definitivo**. São Paulo: Herder, 1968.

_____. **Le témoignage et l'Esprit**. Paris: Editions Universitaires, 1964.

_____. **A maior esperança**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Teología ¿qué clase de servicio?, *In*: GIBELINI, Rosino (Org.). **La nueva frontera de teología en América Latina**. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 63-81.

_____. Evangelização e libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, n. 147, p. 569-597, 1980.

_____. Humanité et libération des opprimés. **Revue Concilium**, Paris, n. 175, p. 122-131, 1982.

_____. **Tiempo de acción**: Ensayo sobre el Espíritu y la historia. Lima: CEP, 1986.

_____. **O Espírito Santo na Tradição de Jesus**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

MOLINARIO, Joel. **Les concepts d'expérience et de doctrine dans la réflexion sur la transmission de la foi**. Conferência pronunciada em 18 de outubro de 2013 à Louvain-la-Neuve, quando da Journée de Rentré de l'École Doctorale. [Texto não publicado].

Trabalho recebido em: 14/11/2014.
Aceito em: 18/02/2015.

José Comblin: um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo

José Comblin: an organic intellectual in the time of neoliberalism

Jorge Roberto de Araújo Aguiar¹

Resumo

Este trabalho centra-se nos desafios de José Comblin como um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo. O intelectual que emerge de seus escritos é orgânico por querer superar a relação de poder-dominância e por está sintonizado com a cultura e os projetos hegemônicos dos subalternos. Portanto, considera-se contra hegemônica a atuação social de José Comblin e sua teologia que ousa transformar as relações desiguais de poder em relações partilhadas. O trabalho, recorre à análise de alguns de seus textos, contrapondo o conhecimento que é produzido pelas instituições liberais dominantes ao conhecimento que ele produz nos seus processos de luta. Basicamente será desenvolvido em dois momentos. O primeiro faz-se uma aproximação entre o conceito de intelectual orgânico em Gramsci, e a sua reconfiguração pelo neoliberalismo. O segundo aborda-se a produção simbólica de José Comblin comprometida com a luta histórica para a libertação dos pobres.

Palavras-chave: José Comblin. Teologia e práxis; Intelectualidade. Esperança dos pobres.

Abstract

This work focuses on the challenges of José Comblin as an organic intellectual in time of neoliberalism. The intellectual who emerges from his writings is organic for wanting to overcome the power relationship-domination and is tuned with the culture and the hegemonic designs of underlings. Therefore, it is considered the performance of José Comblin and his theology as against hegemonic social that dares to transform unequal relations of power in shared relations. The work refers to the analysis of some of his texts, opposed the knowledge that is produced by the dominant liberal institutions in the knowledge that it produces in its processes of struggle. Basically will be developed in two phases. The first is an approximation between the concept of organic intellectual in Gramsci and its reconfiguration by neoliberalism. The second deals with the symbolic production of José Comblin committed to the historical struggle for the liberation of the poor.

Keywords: José Comblin; Theology and praxis; intelligentsia; hope of the poor.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2011). Especialista em Filosofia e Existência (2006), História do Brasil (1990) e Administração Escolar (1998). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1977). Atualmente é professor do Liceu Alagoano e do Colégio Marista de Maceió. Tem experiência na área de História e Filosofia, com ênfase em História Latino-Americana, Filosofia da História, Ética da Alteridade e da Libertação. E-mail: aquiardavarzea@hotmail.com

1 Introdução

Refletindo sobre a crise atual do intelectual popular, entende-se que esta crise aconteceu devido à dissolução dos sujeitos coletivos. Giovanni Semeraro (2006, p. 141), em seu livro "Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis", nos fala que ao longo dos últimos anos, uma crescente categoria de intelectuais se disseminou na mídia, na publicidade, em serviços administrativos e no controle do sistema. Em sua visão, estamos na era da imagem, na época do capital cultural. As novas tecnologias dominadas pelos gigantescos conglomerados internacionais tomam conta de todas as esferas da vida humana atraindo muitos intelectuais a seu serviço. Percebe-se que neste novo contexto, ele é compelido a tornar-se especialista, das virtualidades eletrônicas. Por esta razão Semeraro (2006, p. 142) chega a falar no fim do intelectual político-pedagógico vinculado à escrita, à escola, ao partido. Para ele, o intelectual clássico, cultor da razão, da pedagogia político popular é suplantado pelos recursos tecnológicos. A busca da verdade, da justiça, do universal e a visão inspirada na história, na dialética, tornaram-se produtos autoritários. Tal temática nos levou a refletir sobre a configuração do pensamento de José Comblin no contexto da cultura do capitalismo globalizado.

O fundamental para orientar a discussão é saber o que está em questão. Neste sentido, procuramos problematizar o tema da seguinte forma: até que ponto o modo de pensar de José Comblin está ativamente presente nas novas situações? Que tipo de aspirações e projetos alternativos seus escritos carregam? Trata-se de analisar, antes de tudo, até que ponto Comblin em sua produção se constitui um novo intelectual orgânico capaz de se contrapor à burguesia instalada nos centros do poder, e promover a irrupção dos pobres que carregam aspirações próprias e lutam por outro projeto de sociedade.

Assim, ao lermos o texto de Comblin, identificamos os espaços onde se incorporam valores, ideologias, e práticas sociais que permitem sustentar e avaliar a lógica dos excluídos. Neste sentido trabalharemos, o modo como Ele faz teologia, destacando a primazia dada à práxis.

A teologia atual como comenta Albert Moliner (2011) vai tomando consciência da vinculação do significado das proposições com a práxis na qual surgem. Por consequência, ao enfrentar a realidade a partir do horizonte da práxis, a teologia se entende a si mesmo não como uma teologia da revelação, mas, como uma teologia da salvação nas

condições concretas, históricas e políticas de hoje.

Albert Moliner (2011, p. 39) entende por práxis a totalidade do processo social enquanto transformador da realidade tanto natural como histórica. O termo práxis é frequente nas teologias relacionadas com a ação transformadora da sociedade. A teologia da Libertação se entende a si mesma como reflexão crítica sobre a práxis histórica à luz da palavra, sendo os oprimidos sujeito da práxis histórica, e seu objeto a libertação.

Para Comblin (2012, p. 457), no agir de Jesus, os outros ocupam o lugar principal. Defende as pessoas homens e mulheres, que são vítimas e condenadas como pecadoras. Como se vê em seus escritos, Jesus não ensinou uma doutrina, mas uma maneira de agir no meio dos outros. Agir segundo Comblin,

é amar o que não está sendo amado. Assim, a cruz torna-se o sinal da ação de Jesus, de sua luta e de seu amor pelos humilhados. Portanto, em seu entendimento, a salvação está no agir com compaixão. É evidente, portanto, que José Comblin, como intelectual não poderia se limitar ao mundo das ideias. Lança suas críticas ao idealismo abstrato. Pretende entender o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação encoberto pela ideologia dominante. Por isso, não poderia se esconder atrás de uma neutralidade, e ficar alheio às contradições do seu tempo. A sua produção está comprometida com os pobres e torna-se capaz de refletir sobre o entrelaçamento da produção material com as controvertidas práticas da reprodução simbólica.

2 O intelectual orgânico em Antonio Gramsci

Por que Antonio Gramsci? O pensamento de Gramsci auxilia nas lutas hegemônicas dos grupos subalternos e nos ajuda a fazer a crítica das modernas ideologias das classes dominantes. Giovanni Semeraro (2006, p. 12) observa que Gramsci não só esboça uma nova teoria do conhecimento, como também, resgata a dialética no marxismo, além de interpretar a função política dos intelectuais. O conceito de intelectual em Gramsci nos leva a

compreender que as formas tradicionais de luta não conseguem mais dar conta das mudanças em curso. Consideramos que o processo contraditório da globalização, a reestruturação do trabalho, os novos personagens em fermentação na periferia, as lutas precisam enfrentar e superar o neoliberalismo.

Neste primeiro momento trataremos do conceito de Intelectual orgânico, que será utilizado como

pressuposto para compreender a reconfiguração desse intelectual em José Comblin num contexto de neoliberalismo.

Sobre a formação dos intelectuais, Gramsci (1989, p. 3) questiona a maneira como eles se constituem como grupo social autônomo e independente. Para ele, não existe uma classe independente de intelectuais, são vinculados às diferentes classes. Esse vínculo é orgânico, quando o intelectual se origina da classe que representa. No entanto, em se tratando das classes subalternas elas são obrigadas a importar seus intelectuais, isso explica segundo Gramsci, a vulnerabilidade dessas classes. É importante para facilitar a compreensão de nosso objetivo, situar José Comblin como um intelectual colaborador de um novo projeto de luta política

emancipatória. Para se construir uma nova hegemonia é necessário que se tenham colaboradores na constituição de um novo bloco histórico. Estes elaboradores são os intelectuais, fazendo a soldagem das bases de um novo projeto de um novo regime econômico e social. Hugues Portelli (1977, p. 86) em seu livro, Gramsci e o bloco histórico, comenta que, um intelectual sem vínculo orgânico tem importância tão desprezível quanto as ideologias que produz. É notório na produção de José Comblin, que ele se colocou no lugar das vítimas, optou pela ótica dos rejeitados e excluídos, e se revestiu de suas energias para fazer parte do movimento real que superasse o estado das coisas existente. Ele estava convencido que o povo possuía inteligência, um ponto de vista proveniente das suas necessidades elementares.

3 A reconfiguração do intelectual pelo neoliberalismo

A partir dos anos 70, o capitalismo na sua nova fase desencadeou uma transformação nos processos produtivos, como também nas práticas políticas e na função dos intelectuais. Tanto a realidade econômica, social, política, como a cultural começa a sofrer profundas alterações, forjando novos elementos que dariam outros contornos a um novo mundo. Segundo as palavras de Semeraro

O mundo do trabalho, remodelado pela informática e a microeletrônica, passou a incorporar novos conhecimentos gerando uma complexa analítica simbólica que exige um preparo intelectual mais apurado dos seus operadores. Com a revolução digital e a redução dos grandes conjuntos industriais as categorias dos trabalhadores e as organizações de massa vieram se encolhendo. A velocidade e a diversificação na produção fragmentaram ainda mais os operários e conseguiram camuflar melhor as feições da dominação, desconcertando a compreensão da realidade e as

formas tradicionais de lutas políticas (SEMERARO, 2006, p. 40).

Pelo o que se observa nessa passagem, permanece como decisivo o desvendamento das transformações que atravessam as sociedades contemporâneas. Segundo Ivete Simionatto (2003, p. 275) é notável que nas últimas décadas do século XX houve uma alteração na geografia mundial: a criação do mercado globalizado, e nos mecanismos de controle social e político. É evidente que estas alterações processadas no âmbito da estrutura social refletiram-se na superestrutura: o fim da história e das ideologias, o desaparecimento dos grandes sujeitos sociais e a exacerbação do individualismo, do fundamentalismo e dos nacionalismos, como também, do desencantamento utópico. Estas são as marcas, segundo Ivete, dos dias atuais.

Na interpretação de Simionatto (2003, p. 276) para que a reestruturação do capital fosse possível era necessária a imposição e a socialização de novos valores e novas regras de comportamentos. Neste sentido, podemos compreender que para atender tanto a nova esfera de produção quanto a da reprodução social foi necessário que as condições objetivas e subjetivas redefiniram as correlações de forças. Tais correlações se referem, não só, às novas formas de organização de trabalho, mas também a novos pactos e consensos entre capital e trabalho. Em

outros termos, podemos dizer, seguindo o pensamento de Gramsci, que a reciprocidade entre a estrutura e o superestrutural, o vínculo concreto entre as forças materiais e as ideológicas, entre o econômico-social e o ético-político são específicos, em cada momento histórico. Entendemos assim que a hegemonia, opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política, como também, sobre o modo de pensar. Neste sentido, para entender José Comblin como um intelectual orgânico na sociedade neoliberal, implica identificar em sua produção um caminho capaz de despertar os excluídos no desafio das forças dominantes em busca de mudanças. É nesse terreno que pretendemos analisá-lo, pois, é nele que se manifesta sua teologia.

Entendemos na crítica de Comblin, que a nova cultura produzida com o processo de globalização, implementou as reformas neoliberais, desqualificadoras das possibilidades de construção do projeto socialista. Ele toma consciência de que no contexto da vida pública ocorre a integração recíproca entre Estado, sociedade e mercado. Deixa claro que as novas redes de comunicação ampliam, cada vez mais, o poder dos grupos manipuladores de informações, contribuindo para o surgimento de valores totalitários. Vejamos o que ele diz em seu livro "A profecia na Igreja":

Estão surgindo megaempresas sempre mais poderosas. Fundem-se para aumentar o poder. Envolvem muitas nações, o que lhe permite escapar aos controles dos Estados. Por sinal, cada vez mais os Estados são colocados a serviço das grandes empresas. Os governos figuram, mas quem mandam são as empresas. Fazem-no discretamente para não despertar a atenção dos povos. Conseguem colocar a seu serviço os meios de comunicação, que praticam uma propaganda permanente, criando a impressão de que se trata de um poder absoluto que resiste a qualquer investida. Proclamam que são capazes de estabelecer a felicidade do mundo inteiro. De qualquer maneira, afirmam que não há alternativa – a não ser a delas. (COMBLIN, 2008, p. 257).

Como se observa nessas considerações a globalização simboliza

tudo que acontece no presente. Quem poderá lutar contra essas megaempresas? Seus interesses são os mesmos, o seu fim é o lucro. Quantos grandes empresários serão convertidos? Pergunta Comblin (2008, p. 265). Hoje, a América Latina está envolvida na globalização, o resultado é o aumento da pobreza, do desemprego, das periferias urbanas, onde se acumulam multidões que procuram sobreviver. Neste sentido fica claro para nós que a produção simbólica de Comblin pretende romper com essas formas de hegemonia na sociedade civil, que servem à manipulação e ao controle social.

4 Contraponto de José Comblin ao neoliberalismo

Situada a reconfiguração do intelectual no âmbito do neoliberalismo, pretendemos verificar agora, mediante a análise do texto de José Comblin: “O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus”, a contradição entre o discurso de José Comblin e a cultura do capitalismo globalizado, ou seja, Comblin assumirá uma nova forma de fazer teologia (a mediação da contemplação e da prática), o que o levará a se contrapor com os intelectuais funcionais que se colocam a disposição da dominação. Giovanni Semeraro (2008, p. 145), refletindo sobre os intelectuais, contrapõe os pragmáticos que se colocam a disposição de uma sociedade gerenciada para

poucos e os que se envolvem com as organizações populares para construir uma democracia “orgânica”. Neste sentido, Comblin em sua produção, tem o cuidado de fazer com que a criação do conhecimento não emane dos centros monopolizadores, mas surja construída democraticamente por todos.

Assim, propomos analisar o pensamento de Comblin utilizando suas próprias palavras. Minha interpretação se limita à seleção e breves comentários. Comento sumariamente alguns itens, os que julgamos mais indicados para fundamentar o nosso objetivo. Início com o item dois do primeiro capítulo.

5 A esperança dos vencidos

Neste item, Comblin desenvolve o tema “A esperança dos vencidos”, problematizando-o da seguinte maneira: estamos na América Latina, qual a mensagem de esperança que encontramos neste continente? Segundo Comblin (2004, p. 23), o que há de mais característico neste continente é que os homens assimilaram a condição de vencidos. No entanto, em seu texto, a mensagem cristã é de esperança. Em sua visão, Jesus veio para os camponeses oprimidos da Galileia, como sinal de esperança.

É possível afirmar que em Comblin nada se resolve em abstrações, mas em vinculação a um ativo agir. Operar de forma tal que o real possa tornar-se inteligível aos pobres e que estes possam descobrir, por conta própria, as contradições entre as

condições em que vivem e os discursos encobridores do poder. É dentro deste contexto, na profunda ligação com seus problemas reais, segundo Comblin, que o excluído pode construir sua própria subjetividade e adquirir outra inteligibilidade do real e se utilizar de um espírito crítico que crie as condições para projetos alternativos de sociedade.

Comblin, como intelectual orgânico dos sobrantes, não poderia se limitar ao mundo das ideias e das palavras. Como se observa nessas considerações, a compreensão do mundo dos excluídos se torna tanto maior quanto mais próximo se está das suas revoltas. Mais do que ideias fazia-se necessário para Comblin, descobrir os mecanismos de dominação, e não continuar alheio às contradições do seu tempo.

6 Esperança e desejo

Neste item “Esperança e desejo” afirma Comblin (2004, p. 32) o que valoriza a existência humana não é a satisfação dos desejos, mas a dignidade. Dignidade, para ele, quer dizer ser reconhecido pelos outros. Sentem-se dignas as pessoas que sabem e podem fazer.

Ao tratar do caminho da esperança, Comblin, mantém com a

realidade uma vinculação. Ele demonstra de forma clara que os pobres que entram na caminhada do Reino de Deus não estão no vazio, mas dentro de determinados processos histórico-econômicos, de modo que, a compreensão do mundo humano se torna tanto maior quanto mais próximo se está das revoltas dos injustiçados. Na percepção de Comblin a dinâmica dos

desejos é substituída pela dinâmica da esperança. A esperança aspira a isto: um novo mundo, uma nova forma de convivência humana em que todos possam ser reconhecidos como seres humanos e iguais. A partir daí é necessário encontrar o caminho para

fazer avançar a história em direção a liberdade. Neste sentido, só o processo revolucionário romperia o círculo, inauguraria uma nova epistemologia, criaria um novo indivíduo e traçaria as estratégias políticas para emancipação dos subjugados.

7 Esperança e medo

Neste item nosso ponto de partida será refletir sobre a relação que José Comblin estabelece entre medo e esperança. A organicidade do pensamento de Comblin está relacionada principalmente na sua profunda vinculação com a cultura, a história e a política da classe subalterna. Aqui sua atividade como intelectual orgânico é pedagógica, pois, visa difundir uma outra forma de conhecer entre os subalternos capaz de engendrar formas de agir

geradora de uma nova ordem social. Sobre os primeiros séculos da história cristã Comblin (2004, p. 39) comenta que foi dentro do Império romano que os cristãos construíram sua esperança. Os modelos de esperança foram os mártires. Foi aí que anunciaram a caminhada do Reino de Deus a um povo de vencidos, escravos, estrangeiros, migrantes, refugiados das guerras, que formavam a maioria dos habitantes do Império.

8 Além da revolta e da utopia

O intelectual que emerge dos escritos de Comblin é orgânico, voltado para impulsionar a sociedade inteira; determinado a superar a relação de poder-dominância e popular, sintonizado com a cultura dos subalternos. Observamos neste item que em Comblin (2004, p. 49) a esperança se verifica no agir, é participação na caminhada do povo de Deus. A esperança é abertura para a novidade. Quem não está agindo,

não tem esperança, mas quem está aguardando, atento aos apelos novos pelos quais Deus se manifesta, tem esperança. A grande objeção que ele faz à utopia é o distanciamento do pensamento com a realidade, segundo ele, elaboram-se discursos, mas, sem contato com o real.

Comblin deixa claro que a esperança cristã é histórica, não é a pura revolta nem a utopia que deve conduzir

a salvação da humanidade. Entende que a esperança não é sonho, idealização. Ele busca a construção de uma

sociedade nova por meio da transformação do ser humano.

9 A esperança e a realidade histórica

No nosso modo de entender Comblin, a história aparece como o lugar teofânico. Ele deixa transparecer neste item, a plena vigência da realidade do histórico, que o conhecimento humano implica um caráter prático. Comblin (2004, p. 54), concebe o ser humano como um ser situado num momento da história em movimento.

Para ele a história nos dá não só a forma mais alta da realidade, mas o campo aberto das possibilidades do real. Aqui a práxis se torna uma categoria fundamental. Ele não está preocupado com a realidade última das coisas, nem da coerência do pensamento com o real, mas deseja levar até o fim o projeto

libertador de Deus. Em Comblin (2004, p. 56) a história é vivida subjetivamente pelo povo como história de uma esperança. O povo sofre o impacto do mundo em que vive, mas mantém a esperança. Neste sentido, Comblin demonstra sua liberdade crítica, sua consciência histórica e a sua organicidade aos pobres. Assim, ele como intelectual orgânico não se tornou obsoleto, mas se encontra diante de novas tarefas nos tempos de neoliberalismo. De lidar com a diversidade sem cair no relativismo, de lutar contra os dogmas sem deixar de buscar a verdade, de construir a unidade sem transformá-la em uniformidade.

10 Considerações finais

Tendo-se claro que a conquista da hegemonia implica na formação de uma concepção de mundo coerente e que é neste campo que atua o intelectual, podemos destacar a relevância de José Comblin como intelectual orgânico dos dominados. Consideramos ser contra hegemônica a sua produção simbólica, pois se traduz em lutas que objetivam transformar as relações desiguais de

poder em relações partilhadas. Portanto, na sua produção, Comblin vai tomando consciência da vinculação do significado de suas proposições com a práxis. Neste sentido, constatamos que em seu texto a primazia da práxis se transforma em chave hermenêutica. Ao enfrentar a realidade a partir do horizonte das práxis, Comblin se entende a si mesmo não como um teólogo da revelação, mas

como um teólogo da salvação nas condições concretas, históricas e políticas de hoje. Nessa perspectiva, para Ele a realidade se apresenta como uma realidade dinâmica. No seu modo de fazer teologia, as palavras não são o primeiro acesso a Deus, mas só quando referidas ao acontecimento histórico-salvífico. Em definitivo, Comblin se torna

um intelectual orgânico a partir do momento do seu fazer teológico, que é tomar a práxis histórica como um ponto de partida para seu teologizar. Esta práxis constitui seu compromisso com a luta histórica para a libertação dos pobres e oprimidos em tempos de neoliberalismo.

Referências

COMBLIN, José. **O caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréia de Paula (Org.). **Ler Gramsci**. Entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOLINER, Albert. **Pluralismo religioso e sofrimento eco-humano**. A contribuição de Paul F. Knitter para o diálogo inter-religioso. Trad. Pedro Lima Vasconcelos. São Paulo: Paulinas, 2011.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

SELLA, Adriano. **Globalização neoliberal e exclusão social**. São Paulo: Paulus, 2002.

SEMERARO, Geovani. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

Recebido em: 10/10/2014.

Aceito em: 02/02/2015.

O tema da transformação no pensamento de José Comblin

The theme of the transformation in José Comblin's thinking

Eduardo Hoornaert¹

Resumo

Os escritos de José Comblin tratam quase todos de questões de atualidade. Isso dificulta encontrar uma linha mestra a percorrer toda essa produção literária. Avanço aqui a seguinte ideia: o pensamento de Comblin segue a filosofia da transformação, tal qual vai expressa na Bíblia e outros documentos do pensamento tradicional da humanidade. Não é um pensamento em torno do tema do progresso, mas da transformação.

Palavras-chave: Comblin. Teologia bíblica. Transformação. Progressismo.

Abstract

The writings of Joseph Comblin treat almost about actual issues. This makes it difficult to find the master line of his thought. I propose here the following idea: Comblin can be understood within the philosophy of transformation as it is expressed in the Bible and other documents of traditional human reflection. The focus is not progress, but transformation.

Keywords: Comblin. Biblical theology. Progress. Transformation.

¹ Nascido em Bruges, na Bélgica, estudou línguas clássicas na Universidade de Lovaina e teologia em preparação ao sacerdócio católico, entre 1951 e 1955. Em 1958 veio para o Brasil (João Pessoa). Foi professor catedrático em História da Igreja, sucessivamente nos Institutos de Teologia de João Pessoa (1958-1964), Recife (1964-1982), e Fortaleza (1982-1991). É membro fundador da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina (CEHILA), foi coordenador para o Brasil entre 1973 e 1978, responsável pelo projeto de edições populares entre 1978 e 1992, e entre 1993 e 2002, responsável pelo projeto "História do Cristianismo". Entre 1994 e 1997 foi pesquisador visitante no mestrado de história da Universidade Federal da Bahia. Durante esses anos todos administrou cursos e proferiu Conferências em torno de temas como: História do cristianismo; História da Igreja na América Latina e no Brasil; Religião do povo. Atualmente estuda a formação do cristianismo nas suas origens, especificamente os dois primeiros séculos. E-mail: e.hoornaert@yahoo.com.br

Os escritos de José Comblin estão quase todos relacionados a questões de atualidade. Isso dificulta encontrar uma linha mestre a percorrer toda essa produção literária. Ele mesmo dizia que o único trabalho não 'ocasional' dele era a teologia do Espírito Santo, que não resultou numa obra unificada, mas em cinco livros, publicados ao longo de 25 anos. A isso temos de acrescentar seu último livro "O Espírito Santo e a Tradição de Jesus" (COMBLIN, 2012), que de certa forma expressa uma síntese do pensamento de Mestre Comblin.

1 Comblin transformado

A diferença entre Comblin professor na Universidade Católica de Santiago do Chile (antes de 1965) e Comblin professor no Instituto Teológico de Recife (ITER) (a partir de 1965) é marcante. Em Recife, ele entrou no turbilhão de uma Igreja que optava por executar as linhas diretrizes do Concílio Vaticano II, tomava posição diante do golpe militar de 1964 e fazia uma opção pelas populações pobres. Ficou, como muitos, fascinado pela figura de Dom Hélder Câmara. No Chile, seu destino teria sido o de um professor brilhante, original, capaz, erudito, estudioso e ao mesmo tempo controvertido e desafiador. Bom escritor, conferencista apreciado, intelectual de peso e arguto observador da realidade eclesial e política em geral. Essas qualidades ainda

Avanço aqui a ideia que a linha mestre do pensamento de Comblin pode ser expressa pelo termo "transformação", um termo que ele mesmo nunca explicitou nem aprofundou. Mesmo assim, penso que esse termo explica satisfatoriamente suas intenções ao redigir tantos livros "no calor da hora". Tudo que ele escrevia tinha uma intenção transformadora, sendo ele mesmo uma pessoa "transformada".

aparecem de forma eminente nos dois volumosos livros que ele escreveu, entre 1970 e 1974, sobre a teologia da revolução: "Théologie de la Révolution" (COMBLIN, 1970) e "Théologie de la Pratique révolutionnaire" (COMBLIN, 1974), ambos editados pelas Éditions Universitaires de Paris.

Ali se revela o observador atento da atualidade, que não perde um detalhe sequer e descreve com minúcia jornalística o que se passa no cenário político de seu tempo. Mas é em Recife que se revela, com os anos, um Comblin que não escreve mais livros volumosos, muda de estilo, não só na maneira de escrever, mas também na maneira de se apresentar, falar, se relacionar, viver. Ele entra num processo de transformação que, com os anos,

culmina na imagem do “Padre Zé”, orientador de escolas missionárias, devoto de Ibiapina e do Padre Cícero, tal qual o conhecemos atualmente. Em 1980, a própria irmã de José Comblin, perplexa, me perguntou (foi em

Bruxelas): “o que vocês, lá no Brasil, fizeram com José? Ele não é mais o mesmo”. De longe, ela percebera que seu irmão se transformou. Em consequência disso, ele passou a olhar tudo sob o prisma da transformação.

2 As gerações

O tema da transformação já aparece claramente em dois livros de Mestre Comblin, publicados em 1968. Foi Jung Mo Sung que, num trabalho publicado em 2012 sob o título “Tarefas inacabadas das gerações, o Reino de Deus e o novo Império” (2012, p. 139-171) chamou a atenção para a importância desses dois livros: “Os sinais dos tempos e a evangelização” (COMBLIN, 1968b) e “O provisório e o definitivo” (COMBLIN, 1968a). São trabalhos germinais, pois enunciam ideias que frutificam em diversos campos. Vejamos: “a história é feita de obras inacabadas”; “cada geração é passageira e deixa a obra inacabada”. Essas frases, ao mesmo tempo em que denotam uma resoluta guinada a favor da ação concreta, chamam a atenção para uma das leis básicas da transformação: a transitoriedade. Enquanto José está na trincheira e participa ativamente das lutas, ele sabe que os esforços só levam a resultados provisórios e mesmo insuficientes. Daí o teor aparentemente desmotivador de suas colocações na época. Não poucos

que ouvem suas conferências ou assistem às suas aulas, acham que ele é “muito negativo”, “não deixa nada em pé”, “é contra todos e tudo” etc.

Agora me vem à lembrança, um pequeno artigo que alunos do Instituto de Teologia de Recife (ITER) redigiram nos idos de 1972 acerca da estranheza, causada pelo modo de ser do professor José Comblin. Publicado na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) em setembro de 1972 (p. 635-637), intitulado “O Padre José Comblin e a Vida Religiosa”. Esse artigo relata as dificuldades que os estudantes demonstram em compreender o jeito do professor. Alguns o acham “negativo e irônico, que ridiculariza tudo, acaba com tudo”, mas, por outro lado, todos reconhecem sua simplicidade, sua disponibilidade em orientar as pessoas e sua capacidade em “obrigar a pensar”. Todos concordam em dizer que o professor é “um sinal de contradição” (p. 636), um “crítico de lugares comuns” (p. 637), um “orientador” (p. 638).

Essa avaliação dos alunos de 1972 me parece excelente, pois realça

os dois lados de Mestre Comblin: seu espírito crítico e sua fé no futuro de uma postura de engajamento. Sua vida, em 1972, desmente os versos da canção:

E tudo passa
Tudo passará.
E nada fica
Nada ficará.

Tudo passa, sim, mas não é verdade que nada fica. O que fica é a transformação, ou seja, a nova forma que a vida assume. Eis o que significa o tema das gerações tratado nos dois livros aqui mencionados. Se a obra de

cada geração fica inacabada, é porque ela faz parte de uma sucessão de obras (inacabadas) que formam a concatenação da vida. Precisa contemplar essa concatenação para entender a contribuição de cada geração. Nas palavras do próprio Comblin: “é nas gerações sucessivas que Deus se revela. Deus encontra-se no tempo, na sucessão das gerações. História é história concretamente vivida. Só pela narrativa dessas sucessivas histórias se descobre Deus”. Comblin toca aqui numa lei da natureza, que passo a apresentar.

3 A transformação das plantas

Certa vez, o poeta alemão Goethe visitou um jardim botânico na companhia de uma amiga que ficou maravilhada pela diversidade e beleza das plantas, mas não foi além disso. Então Goethe disse que tanta diversidade e tanta beleza escondia uma “palavra secreta”, capaz de explicar tudo. Intrigada, a amiga perguntou qual era essa palavra, e daí nasceu um dos mais significativos poemas de Goethe²: a metamorfose, eis a “palavra secreta” que explica a vida das plantas, dos animais, dos seres humanos e mesmo as mudanças da matéria sem vida. Há plantas que se transformam em questão de horas,

outras demoram muitos anos para mostrar alguma alteração. No reino animal se dá o mesmo: alguns animais se transformam com muita rapidez, outros demoram para mudar. Na matéria sem vida, o processo costuma ser muito mais lento ainda, ao ponto de passar despercebido à compreensão de muitos, como lembrou o físico francês Lavoisier: “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

O poema de Goethe é um trabalho filosófico, uma filosofia em forma de poesia. A lei da metamorfose (transformação) é uma lei básica da natureza, no domínio das plantas, dos animais, dos seres humanos, dos minerais, do pensamento, das ideias, do amor. O poema de Goethe termina com um elogio ao casal humano, símbolo de

² “Versuch die Metamorphose der Pflanzen zu erklären” (1790): “Tentativa de explicar a metamorfose das plantas”. Bem antes de Goethe, o dominicano Giordano Bruno já defendia a filosofia da metamorfose.

transformação, não só pela geração do filho, mas também pelo amor. A transformação é uma lei global da natureza.

O poema filosófico de Goethe passou praticamente despercebido pelos filósofos. Eles não conseguiram enxergar a profunda sabedoria contida nesse

poema, pois estavam quase todos envolvidos em modos de pensar que privilegiam temas como progresso, desenvolvimento, crescimento. Só poucos enxergam o valor da filosofia da transformação e penso que Comblin é um deles.

4 *Toledôt*: gerações na Bíblia

Formado pelo biblista Lucien Cerfaux, seu professor em Lovaina, Comblin é um teólogo de enraizamento bíblico. Sua tese de doutoramento tratou de um tema bíblico e ele demonstra, em todos os seus trabalhos, possuir um olhar bíblico. Quando, nos livros de 1968, acima citados, escreve que “a história é feita de obras inacabadas”; “cada geração é passageira e deixa a obra inacabada”; “é nas gerações sucessivas que Deus se revela”, ele na realidade expressa um modo de pensar bíblico.

A Bíblia pensa em termos de transformação. Cada geração é uma transformação da geração anterior. É o que significa o termo hebraico *toledôt* (geração, origem, metamorfose, descendência). Basta ler os onze primeiros capítulos do Livro Gênesis para ver que, aos olhos dos primeiros redatores da Bíblia (século VI aC), a história é uma sucessão de gerações: “eis a origem do céu e da terra” (Gn 2, 4); “eis o livro da descendência de Adão”

(Gn 5, 1); “eis os descendentes dos filhos de Noé” (Gn 6, 9); “eis os descendentes de Sem” (Gn 10, 1); “eis os descendentes de Terá” (Gn 11, 27). A inteira história de Abraão, o “pai de povos”, é baseada na ideia da transformação. Ele é o primeiro homem que conversa com Deus. Um dia, IHHW lhe diz:

*Sai de sua terra,
deixa seus parentes e seu pai,
vai para a terra
que lhe mostrarei.
Eu farei de você um grande povo
(Gn 12, 1-2).*

Abraão desinstala-se e viaja, levando consigo seu primo Ló com a família. Ele se estabelece em Canaã, onde vive sem morada certa. Sua vida é uma sucessão de infortúnios. Faminto e sem meio de vida, procura um futuro melhor no Egito, mas é expulso do país. Ao voltar a Canaã, entra em conflito com Ló e seus pastores e os dois se separam. Abraão, já velho, continua sem filhos. Aí IHHW fala de novo e renova a grande promessa: “sua descendência será como

as estrelas no céu e as areias na praia". Como pode? Sara já tem 90 anos e não lhe deu nenhum filho. Quando os visitantes misteriosos dizem a Abraão que ele vai ter um filho dela, Sara fica rindo no interior da tenda. E não é que o menino nasce? IHWH, irônico, diz: seu nome é Isaac ("você riu!"). (Na realidade, Abraão tem um filho, Ismael, de outra mulher, mas isso é outra história). O patriarca morre, satisfeito por ter conseguido transmitir a vida. Isaac é uma transformação de Abraão, eis como o Livro Gênesis entende as

coisas. A partir de Isaac, a Bíblia só fala em transmissão de gerações, metamorfose após metamorfose: Isaac, Jacó, Esaú, José etc. E, na macro-história, judaísmo, cristianismo, islamismo.

Essas sucessivas transformações não são exclusivamente biológicas. Em determinados momentos, elas são qualificativas: transformações nos modos de pensar, reagir, estabelecer metas na vida, formular projetos de vida. Eis o que o profeta poeta Isaías vislumbra quando apresenta Davi.

5 "Um broto furou a cepa de Jessé"

Um broto furou a cepa de Jessé
Das raízes re floresceu um ramo
Sobre ele repousará o sopro de IHWH
(Is 11, 1).

Num lance genial, o profeta Isaías compara o nascimento de Davi ao que acontece no universo das plantas, concretamente dos vinhedos. O vinicultor poda a parreira ao ponto de deixar só as cepas. Tira tudo, só deixa a cepa. Mas é precisamente essa poda drástica que garante nova vida. É dela que renasce a vida. Quando não parece mais haver nada, um broto fura a cepa. A vida "refloresce". Eis a metamorfose: das raízes re floresce um ramo, no ramo aparece uma folha, da folha nasce uma flor e da flor vem o fruto. Isaías: da cepa de Jessé brota Davi.

A visão de Isaías é bíblica. A Bíblia, como já escrevi acima, considera

que os seres humanos procedem por gerações (nascimento, crescimento, procriação, decadência, morte, e de novo nascimento etc.), da mesma forma em que as plantas procedem pela transformação da semente em cepa, cepa em broto, broto em folha, folha em flor, flor em fruto e de novo semente etc. Davi, assim, é uma maravilhosa transformação de Jessé, a ser "sinal para os povos".

Naqueles dias se erguerá a raiz
de Jessé
Em sinal para os povos.
As nações irão à sua procura
Sua morada se impõe (Is 11,10).

Jessé, filho de Obed, neto de Booz e Rute, é por sua vez pai. Tem oito filhos que vivem com ele em Belém. Tem igualmente um rebanho de gado aos cuidados de seu filho Davi (1Sm 16, 11).

Esse pequeno guardador de gado é o grande rei (1Cr 29, 21), três vezes

Ungido, o maior dos israelitas.

6 “E Jacó gerou José, o esposo de Maria”

Assim como Isaías enxerga Davi na cepa de Jessé, o evangelista Mateus enxerga Jesus na cepa de Davi. Por meio de um longo processo biológico, a transformação alcança Jesus. Quando pensa em redigir seu Evangelho, o primeiro cuidado de Mateus consiste em mostrar que Jesus é um broto da cepa de Davi, uma transformação de Davi. Assim, ele assenta desde o início a autoridade do galileu em bases sólidas. Para tanto, ele cava fundo nas genealogias:

Salomão, por Ra'ab, gerou Booz
E Booz, por Rute, gerou Obed
E Obed Jessé
E Jessé o rei Davi (Mt 1, 5-6).

Após mais de dez versículos de teor genealógico, ele chega a Jesus:

E Jacó gerou José, o esposo de Maria.
É por ele que Jesus, dito o Ungido, foi concebido (Mt 1, 16).

Jesus é “filho de Davi” (Mt 1, 17), as bases do Evangelho estão lançadas.

7 “Tomou forma de escravo”

Mas Jesus revela-se bem diferente daquilo que Mateus imagina. Há uma ousadia em Jesus que só Paulo capta. Jesus faz nada mais e nada menos que transformar para sempre a história de Deus. Ele faz com que Deus desça do trono celeste e se identifique com a figura enigmática, atraente e polêmica do homem de Nazaré. O próprio Deus entra num caminho sem retorno. Nenhum dos Filhos de Deus de tradição mesopotâmica, egípcia, persa ou romana passa por um processo transformativo tão estranho e

contraditório como o Filho do Deus bíblico.

Sendo, ele mesmo, forma de Deus,
não procurou ser igual a Deus.
Esvaziou-se,
tomou forma de escravo,
tornou-se cópia humana.
Era reconhecido como tal
por sua figura humana
igual aos homens.
Muito pequeno, muito submisso,
até a morte extrema
morte na cruz (Fl 2, 6-8).

O inacreditável acontece. Deus identifica-se com um homem “muito pequeno, muito submisso, até a morte extrema, a morte na cruz”. O fluxo da vida que nasce em Jesus empurra Deus

para frente, em direção à humanidade sofredora. Paulo anda por muito tempo com essa imagem da extrema humilhação de Deus na cabeça e só nas grandes cartas dos anos 50 emerge finalmente, em sua prosa, embora de forma ainda pouco delineada³, a imagem de um Deus Pai que privilegia os desafortunados. Para os primeiros militantes do movimento de Jesus, essa é uma imagem totalmente nova, mas ela vai crescendo aos poucos na literatura: em Marcos o Deus Pai amoroso aparece 19 vezes (Aba Pai), em Mateus 61 vezes e em Lucas 52 vezes. No Evangelho de João, a imagem de Deus Pai já aparece mais de 100 vezes. Paulo compreende as consequências práticas: Deus Pai significa largar a segurança da “Lei dos pais” e se agarrar na confiança em Deus. Nas cartas, Paulo repete que basta ter “fé em Deus” e que “as obras” (cumprimento dos preceitos da Lei) não conduzem a nada. Para ele, o termo

“fé”⁴ não significa mais a observância dos 613 preceitos da Lei levítica, mas a confiança cega em Deus. A palavra “fé”, que aparece 79 vezes nas cartas⁵, indica a confiança do ser humano em Deus. O Evangelho de Paulo consiste na descoberta da transformação de Deus por mediação de Jesus.

³ Nas cartas de Paulo, o termo “pai” ainda costuma referir-se ao pai de família, o progenitor. “Deus nosso pai” aparece ao lado de “Abraão nosso pai”. O termo “pai” aparece 8 vezes em Rm (7 vezes aplicado a Abraão e só uma vez a Deus), em 1Cor 3 vezes, em Gl 5 vezes e em 1Ts igualmente 5 vezes. Aos poucos, a ideia de que somos filhos de Deus, e não escravos, ganha espaço nas cartas. Como em Gl 4, 6-7: “você são filhos. Deus enviou aos nossos corações o sopro de seu filho que grita Aba Pai. Portanto, vocês não são mais escravos, mas filhos. E, como filhos, herdeiros de Deus” (observe como volta a imagem da família com escravos). Na Carta aos Romanos, a ideia toma maior vulto: “todos os que se deixam conduzir pelo sopro de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um sopro de escravos para reencontrar caminhos de medo, mas o sopro de filho, aquele que nos faz gritar Aba Pai” (Rm 8, 14-15). Há, pois, uma evolução. Só aos poucos, a ideia de Deus Pai ganha espaço nas cartas.

⁴ Para que não entendamos mal a postura de Paulo, é bom ressaltar que Paulo não fala de “fé” no sentido de uma adesão mental a um corpo doutrinário. Só a partir do século IV dC, com o fortalecimento dos quadros institucionais do cristianismo, a interpretação doutrinária da fé ganha crescente importância, a ponto de ofuscar o sentido paulino do termo.

⁵ 36 vezes em Rm, 7 vezes em 1Cor, 28 vezes em Gl e 8 vezes em 1Ts.

8 Apóstolos transformados

A partir do momento em que resolvem acompanhar Jesus e ajudá-lo nos trabalhos, os apóstolos igualmente passam por uma transformação. Como Paulo. Nos capítulos 6 e 7 do Evangelho de Marcos se conta que eles, quando andam pelo deserto além do Mar da Galileia, vagam como os israelitas pelo deserto do Sinai com Moisés. Tornam-se israelitas transformados. Esses israelitas fugitivos tinham fome e sede, os

apóstolos também. Aí Jesus multiplica pães e eles pulam de alegria, como os israelitas quando apareceu o Maná. O programa de Jesus é uma nova 'tábua da Lei' (do Sinai); Jesus um novo Moisés. Com ele, os apóstolos vivem uma nova Páscoa, uma nova Travessia pelo deserto, um novo Sinai, um novo Maná, uma nova Aliança (novo Testamento), uma nova Mensagem (evangelho). Tudo isso é transformação.

9 Paulo transformado

No segundo capítulo da Carta aos Gálatas, Paulo expressa de forma pungente a transformação nele operada pelo contato com Jesus:

E se eu vivo,
Não sou mais eu que vivo
É o Ungido que vive em mim
(Gl 2, 20-21).

Paulo não é mais o mesmo. Doravante, ele não enxerga o homem de Nazaré (não demonstra interesse pela biografia de Jesus), mas o Ungido (Cristo ⁶). O termo volta mais de

duzentas vezes nas cartas⁷, nas mais variadas formulações⁸, todas marcadas pela ideia da transformação. Paulo é um novo Ungido, transformado, transfigurado.

⁶ É de se observar que nos escritos produzidos no seio do movimento nos anos 50, o termo "Ungido" não aparece. Nem no Evangelho Q, nem no evangelho de Tomé. No Evangelho Q, Jesus é chamado "mestre", e numa primeira redação do Evangelho de Tomé se chama "o vivente". Veja respectivamente MACK, B.L. **O Evangelho perdido**: o livro de Q e as Origens Cristãs. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 73; e LELOUP, J-Y. **O Evangelho de Tomé**. Petrópolis: Vozes, 1997, primeiro aforismo.

⁷ 71 vezes na Carta aos Romanos, 79 vezes na Primeira Carta aos Coríntios, 38 vezes na Carta aos Gálatas e 14 vezes na Primeira Carta aos Tessalonicenses.

⁸ "Ser no Ungido, do Ungido; viver com o Ungido, no Ungido; revestir o Ungido; ser membro do Ungido; seguir os caminhos no Ungido; formar membros do Ungido; o corpo do Ungido; ser crucificado com o Ungido; morrer no Ungido" etc.

10 Jesus conversa com Elias e Moisés

Há muitos exemplos de transformação nos evangelhos. No capítulo 9 do Evangelho de Marcos se conta que, certa vez, no alto de uma montanha, Jesus conversou com Elias e Moises, como se não existisse a barreira do tempo e do espaço a separá-los (Mc 9, 3). O texto grego usa o verbo *metamorfoô*, enquanto a Vulgata (tradução latina) já fala em *transfiguratio*, o que não traduz exatamente a ideia original. Hoje se fala em “transfiguração de Jesus”.

11 Deus encarnado

Interpretar as coisas por meio da ideia de transformação não pertence unicamente ao modo de pensar bíblico. Pertence a uma tradição que cobre milênios de anos e se expressa, no universo pan-mediterrâneo em que surge o movimento de Jesus. As pessoas enxergam nos mais variados acontecimentos um processo de transformação. É o caso das religiões místicas⁹ da época, predominantes no cenário em que o movimento de Jesus entra quando ultrapassa as fronteiras da Palestina e penetra no vasto mundo da

Jesus, Elias e Moisés se fundem num só movimento de transformação. Outro exemplo é dado no capítulo 8 do Mesmo Evangelho, quando Jesus pergunta a seus discípulos o que as pessoas dizem a seu respeito. Eles respondem: você é João Batista, Elias, um dos profetas. É o Ungido (ou seja, Davi) (Mc 8, 27-29). Essas respostas são tão naturais que chegamos à conclusão que, naqueles tempos, as pessoas enxergavam nos fatos o processo de transformação. Jesus é João Batista, Elias, um dos profetas, Davi.

diáspora judaica. Os militantes encontram por todo lugar imagens de transformação: seres divinos se “encarnam”, seres humanos (de carne) se divinizam (BEAUDE, 2011)¹⁰. Deus passa por um processo de encarnação.

O sucesso da obra “Metamorfoses”, do poeta latino Ovídio (43 aC-18 dC) demonstra como a ideia da transformação é universalmente aceita. Composta de 15 livros, essa obra resgata nada menos de 250 mitos em circulação, que narram os mais diversos

⁹ O adjetivo “místico” deriva do substantivo “mistério”, que indica uma forma de religiosidade em voga na época. O “terceiro céu” de 2Cor 12, versículo 2 e os “dizeres indizíveis” do versículo 4 são expressões de tipo místico. Veja capítulo 1: “os entusiastas”.

¹⁰ BEAUDE, P-M. **Saint Paul, l'oeuvre de métamorphose**. Paris: Cerf, 2011. É conhecida a obra ‘As Metamorfoses’ do poeta latino Ovídio, best-seller durante séculos (há edições até no século XVI). O poeta descreve numerosos casos de metamorfose entre seres divinos e seres humanos.

casos de transformação, no reino das plantas, dos animais, dos humanos, dos deuses (GALIMBERTI, 2003. p. 46). Lida e relida durante séculos, copiada e recopiada, contada e recontada, a obra de Ovídio continua um dos trabalhos literários mais influentes da cultura ocidental. Até hoje, inspira romances, filmes, poesias, pinturas, esculturas. Influenciou escritores como Chaucer, Shakespeare, Dante, Boccaccio. Ovídio é apenas porta-voz de um pensamento que toma conta de toda a área em que o movimento de Jesus se difunde nos primeiros séculos, como hoje revelam pesquisas arqueológicas em territórios antigamente ocupados pelo Império Romano.

Essas pesquisas permitem um *insight* nas religiões místicas e evidenciam pontos de contato entre a ideia de transformação e o imaginário do emergente movimento de Jesus. Vêm à luz ruínas de templos, inscrições, vasos e obras de artesanato que indicam a expansão por largos espaços, não só de clássicos mistérios gregos (como o de Eleusis na Grécia), mas principalmente de cultos grego-egípcio-orientais de cunho místico.

As mulheres veneram Demeter, a “Grande Mãe dos Deuses”, Isis, Cibele, enquanto os homens se espelham em Mitra, Osíris e Dionísio. Inúmeras sociedades trabalham a ideia da transformação, revelam segredos relacionados à origem do homem, ao sentido da vida, à imortalidade e ao castigo divino após a morte. Tudo isso influencia o pensamento do movimento de Jesus. Quando Paulo descreve Jesus como o enviado de Deus, que vem à terra por um curto lapso de tempo, uma “revelação” (em grego “apokalupsis”. Veja Gl 1, 12. Para Paulo, evangelho e revelação são termos equivalentes) divina que ilumina o universo inteiro como um relâmpago, ele não só se mostra herdeiro da tradição bíblica, mas conhecedor e devedor (mesmo praticante) do imaginário místico. Em 1Cor 14, 18, Paulo declara: “eu falo em línguas mais que qualquer um de vocês”. É dentro dessa linguagem da transformação que se entendem os versículos de Paulo acima citados:

Não sou mais eu que vivo
É o Ungido que vive em mim (Gl
2, 20-21).

12 A ideia de transformação no pensamento de José Comblin

Quando situamos a obra de José Comblin diante desse largo pano de fundo histórico, percebemos que ele não só é um teólogo enraizado no

pensamento bíblico, mas também um crítico do pensamento progressista que predomina nos nossos dias. Um pensador com profundas raízes no

pensamento antigo da humanidade. É por isso que Comblin nunca é dogmático. Enquanto o pensamento dogmático é rígido e defende a imutabilidade, o pensamento da transformação é fluido, e acompanha os ritmos da vida e demonstra sensibilidade pelas leis da natureza. Suas exposições teológicas são sempre de teor histórico, acompanham os ritmos de vida. Nunca são definitórias, não pretendem definir ou prender os ritmos da vida em conceitos imutáveis. Prova disso é a articulação de sua teologia em torno da figura do Espírito Santo e da ação do Espírito Santo na história.

Vejamos por uns instantes seu último trabalho, publicado depois de sua morte: "O Espírito Santo e a Tradição de Jesus" (COMBLIN, 2012). Redigido em cinco Versões (todas incompletas), esse trabalho é uma filosofia da história, baseada na ideia da transformação. Quem compara as diversas Versões entre si não demora em detectar que Comblin trata basicamente das transformações operadas pelo Espírito Santo, como se pode ver na quinta e última Versão (igualmente incompleta).

O autor começa com os "testemunhos do Novo Testamento" e contempla sucessivamente "a igreja dos mártires", "a igreja dos monges", "a mística oriental". "o milagre irlandês", "Cluny", "Cîteaux", "extensão da vida monástica", "Francisco de Assis", "Domingos de Gusmão". Nesse ponto se interrompe a quinta Versão, mas a

descrição das transformações continua na Versão 3 (a mais completa): "o movimento franciscano", "a cruzada dominicana", "os leigos do século XIII", "a devoção moderna", "a cristandade dividida", "a Companhia de Jesus", "São Vicente de Paula", "os primeiros missionários dominicanos e franciscanos na América", "a ruína da cristandade", "os Santos Padres da América Latina".

Em todas essas descrições não aparecem rupturas a interromper o fluxo da transformação. Cada movimento parte da experiência de um movimento anterior, adaptando-a a novos desafios e novas condições de vida. Exatamente como se observa na natureza. Assim como as plantas e os animais evoluem continuamente e geram sempre novas formas, os movimentos humanos se baseiam naquilo que uma geração aprende com a anterior. A teologia de Comblin, longe de eliminar a história, está fundada em experiências históricas. Há um movimento do Espírito Santo a perpassar as gerações com a fluidez própria das obras da natureza e a criatividade própria da mente humana. O projeto de uma nova geração não é pura cópia do projeto anterior, mas criação original.

Esse enfoque é um antídoto, tanto contra a saudade de experiências passadas (pretensamente melhores que as nossas), quanto contra a prepotência dos que pensam que com a "revolução" tudo muda. É igualmente um apelo de confiança na juventude emergente. Cada

geração tem uma responsabilidade própria e é preciso que assuma o momento em que vive, sabendo “ler os sinais dos tempos”, ou seja, pressentir o fruto na semente que brota, enxergar

Davi na cepa de Jessé, vislumbrar Jesus em Elias, os profetas, o Ungido Davi.

As formas passam, a transformação fica. De geração em geração, enquanto Deus quiser. Eis o que quis realçar neste trabalho.

Referências

[ALUNOS do Instituto de Teologia de Recife (ITER)]. O Padre José Comblin e a Vida Religiosa. Petrópolis, **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, p. 635-637, set. 1972.

BEAUDE, P-M. **Saint Paul, l' oeuvre de métamorphose**. Paris: Cerf, 2011.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Tradição de Jesus**. São Paulo: Nhanduti Editora, 2012.

_____. **O provisório e o definitivo**. São Paulo: Herder, 1968a.

_____. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968b.

_____. **Théologie de la Pratique révolutionnaire**. Paris: Éditions Universitaires, 1974.

_____. **Théologie de la Révolution**. Paris: Éditions Universitaires, 1970.

GALIMBERTI, U. **Rastros do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.

SUNG, J. M. Tarefas inacabadas das gerações, o Reino de Deus e o novo império. In: Hoornaert, E. (Ed.). **Novos Desafios para o Cristianismo**: a contribuição de José Comblin. Paulus: São Paulo, 2012.

Trabalho recebido em: 22/03/2015.
Aceito para publicação em: 27/03/2015.

Comblin e a espiritualidade do provisório¹

Comblin and the spirituality of the ephemeral

Maria Celina Correia Leite²

Resumo

Este texto consiste de relato pessoal. A autora conviveu com o padre José Comblin e testemunha a influência que ele teve na sua forma de enxergar a vida e o serviço cristão. Além disso, a autora compartilha as suas impressões de leitura daqueles que julga serem os livros mais importantes de Comblin a partir da espiritualidade do provisório.

Palavras-chave: Comblin. Espiritualidade. Serviço cristão.

Abstract

This text is a personal writing. The author lived side by side with Priest José Comblin and felt him influence over her way to see the life and the christian service. The author also share her impressions about the readings of the most important Comblin's books.

Keywords: José Comblin. Spirituality. Christian service.

¹ Este texto foi escrito para ser apresentado no dia 04 de setembro de 2014, durante a Semana de Estudos sobre o Padre Comblin, que ocorreu na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Por ser um texto escrito para ser falado guarda as marcas próprias da oralidade.

² Atua no Centro de Estudos e de Educação Popular – CEEP, em Paudalho – PE.

1 Para começo de conversa

Não pensei em dirigir essa nossa conversa para o tema bonito sugerido por Paulo César (Paulo César Pereira, além de mestre em CR, editor deste Periódico, é pastor da Igreja Batista em uma Igreja no Bairro dos Bultrins, na

periferia de Olinda-PE, porque a realização desta semana [...], já nos revela que o Comblin é um irmão universal e não membro de uma única igreja.

2 Quem é Comblin?

1 – O Comblin teólogo muitos de vocês já o conhecem, através dos seus livros. Outros o conhecem através de cursos, conferências, etc. Há teólogos convidados para esta semana que com certeza tratarão desse assunto.

Vai falar o quê? Talvez vocês se perguntem.

Partilho com vocês um pouco do Comblin que conheci e com quem convivi desde o início da década de 60 até os seus últimos dias entre nós. O Comblin estudioso da realidade. Mas, de forma especial, inserida nela... Vivendo com e como o povo, com a sensibilidade cristã que o caracterizava. Foi esta sensibilidade que o fez levar a sério a observação de um operário, que segundo ele contou, ajudou à sua conversa.

2 – Divido com vocês um pouco de sua espiritualidade que, por estar comprometida com a vida dos pobres, provocou reações na Igreja Católica e deu trabalho aos militares das ditaduras do Brasil, do Equador e do Chile. E nos pobres despertou a esperança, e a

compreensão da força de sua organização e seu papel na construção do Reino de Deus.

No ano em que o conheci, ele foi um grande apoio na minha busca de engajamento no meio popular, saindo dos colégios. Ajudou-me a discernir o novo caminho que a Igreja pós-conciliar queria criar. Nessa década, ele me ofereceu um dos seus livros que foi muito importante para mim, no sentido da compreensão do meu papel no mundo. E a dedicatória, além de resumir o conteúdo do livro, mostrava-me que tipo de amigo eu acabava de ganhar. Vejam: "À Maria Celina, no início de uma etapa provisória, sinal de uma amizade definitiva..." O Livro se chama: "O provisório e o definitivo" (1968) e marcou muito minha vida. Mais tarde trabalhei com o Comblin na formação dos missionários para o meio rural, onde recebi lições de simplicidade, paciência, respeito...

3 – Socializo também um pouco do Comblin que sabia auscultar os

acontecimentos históricos e seu significado, mas também o Comblin que via tudo, coisas simples do cotidiano, e às vezes com a ironia que também o caracterizava.

Selecionei algumas passagens do seu legado, através dos livros. Impossível falar de toda sua contribuição e difícil de selecionar. É evidente que as escolhas são “provisórias, capengas e relativas...” Um dos critérios foi a importância que elas tiveram para mim, na fase de discernimento de minha vida; e também para todo meu trabalho junto aos grupos de base. E o que representam para a Igreja hoje.

Entre seus livros, escolhi: “O provisório e o definitivo” (1968) que considero sempre atual. “O povo de Deus” (2002), “O caminho. Ensaio sobre o segmento de Jesus Cristo” (2004) e “A vida – Em busca da Liberdade” (2007). E

3 A espiritualidade do provisório

No seu livro, “O Provisório e o definitivo”, o Comblin escreve:

A grande novidade do Cristianismo é que o transcendente não é mais transcendente e que o eterno se reúne no provisório. Os homens têm acesso ao definitivo sem sair das realidades precárias deste mundo, mas sim e muito precisamente, abraçando essas realidades (COMBLIN, 1968, p. 146).

O amor de Deus é vivido nos papéis humanos. Não é estático. Está ao

o fiz desejando que retomemos as questões levantadas em todos eles, para fundamentar nossa fé e sua prática.

Sabendo de sua opinião sobre mito vou iniciar com o que ele escreve:

Cada um de nós não deve desejar viver sobre esta terra mais que o tempo previsto pelo criador... querer ‘sobreviver’ nas instituições é recusar a condição humana, é querer criar um mito e buscar a imortalidade pela participação no mito. Depois da morte, devemos desejar apenas o esquecimento para não atravancar a vida das gerações futuras. Que elas próprias escolham as lembranças que querem guardar (COMBLIN, 1968, p. 1).

É exatamente o que faço agora. Não criando mito, mas guardando as lembranças que quero guardar...

E o que é que quero guardar? Espero que coincida com o que vocês também desejam guardar.

alcance do mais simples dos mortais. A Graça é isto: fazer com que o amor simples das coisas precárias deste mundo possa reunir-se ao Deus eterno e tornar-se matéria da aliança.

É salvo aquele que ocupa o seu lugar no espaço e no tempo, seu lugar na cidade (S. João) ou no corpo (S. Paulo) ou na árvore genealógica da humanidade (profetas), aquele que desempenha o seu papel... Esse desenvolvimento não é apenas

passageiro, é nele e por ele que Deus realiza sua aliança. O definitivo é esse corpo vivo no qual cada geração ocupa seu lugar e cada pessoa em sua geração (COMBLIN, 1968, p. 147). E continua:

Seguir Jesus Cristo é aceitar viver a plenitude do mundo presente sem o prolongar, recomeçar a cada instante, recolocar em questão. Se Deus se apresenta no movimento, a fidelidade a Deus consiste em se mover. Não será fixar-se em uma atitude imutável.

E lembra novamente que:

Os homens chegam ao palco do mundo por gerações. Desempenham seu papel e desaparecem para dar lugar às seguintes. Cada geração é um novo começo, um novo ciclo... A história e também o Reino de Deus são cíclicos. Recomeçam em uma nova partida em cada geração. O Corpo de Cristo é feito de uma multidão de ciclos (COMBLIN, 1968, p. 148).

Prosseguindo sobre esse novo olhar sobre a dinâmica da vida e a proposta de olharmos diferente para o que chamamos de efêmero, o Comblin acrescenta que: "Só o amor às coisas efêmeras nos concede viver a vida eterna de Deus". E ainda:

O Evangelho afasta os mitos e nos revela que nossa esperança não se encontra na busca de Deus, mas no acolhimento de sua presença no meio das coisas precárias. Nossa única esperança de nos integrar no definitivo e de nos prender ao eterno é amar as coisas passageiras que nos rodeiam. Qualquer amor terrestre é provisório (COMBLIN, 1968, p. 150).

E qual é o sentido do provisório? Questiona ele (COMBLIN, 1968, p. 151).

a) O sentido da mudança "passar, sem reter, utilizam sem se tornar proprietário. A maior espiritualidade consiste, portanto, não buscar as coisas estáveis, mas sim aceitar integralmente as coisas que passam e sua passagem, gostar que elas passem e que nos deixem ou que as deixemos e acolher as novas que chegam" (COMBLIN, 1968, p. 152).

O sentido do provisório inclui também:

b) O amor ao imperfeito. O cristão não é aquele que ama os perfeitos, mas sim os imperfeitos. Ele não é nem mesmo aquele que ama com perfeição, mas bem imperfeitamente. Mais exatamente, ele atinge a perfeição por atos imperfeitos. No presente, só decidimos à contra gosto. Pois o tempo é curto. É preciso agir. Não se pode refletir indefinitivamente. Não se pode conciliar todos os interesses. As soluções perfeitas nunca são aplicáveis de imediato. O tempo urge. É preciso deixar de agir – o que seria pior – ou escolher soluções capengas. E pergunta: vamos nos queixar dessa servidão? Não. Pois é no

imperfeito que a perfeição de Deus age (COMBLIN, 1968, p. 153). A partir dessas colocações do Comblin seria bom pensarmos na formação cristã que recebemos. “É preciso ser perfeito”, foi o que sempre nos ensinaram... e na vida descobrimos que é impossível... e somos aí, levamos a concluir que o Cristianismo “é sublime, mas só se aplica aos anjos” (COMBLIN, 1968, p. 153). Nessa perspectiva diz o Comblin: “Não se deve lamentar o provisório. Não é apesar dele, mas por ele, que caminhamos na eternidade” (COMBLIN, 1968, p. 160).

Escolhi esses retalhos do livro do Comblin, para atualizarmos nossa reflexão sobre a importância, do provisório, e também para pensarmos na provisoriedade do que fazemos. Lembrando inclusive Paulo Freire, que costumava dizer: “eu não sou, estou sendo”. A interiorização desses conceitos talvez nos ajude na vida cotidiana a evitar que nos aproximemos dos nossos irmãos dizendo ou pensando: “sabe com quem está falando?...” Pois somos todos imperfeitos, inconclusos...

Como o Comblin gostava de colcha de retalhos, artesanato bem nordestino, vou continuar costurando, mas por conta do tempo vou reduzir

esse momento... e se a colcha ficar menor, vocês continuarão...

3.1 Espiritualidade do provisório e evangelização

Fundamentados na espiritualidade do provisório vamos trazer alguns relatos do pensamento do Comblin sobre a Evangelização. Como sua vida, a evangelização também deve levar em conta a situação do mundo atual. Ele escreve:

Não basta dizer: queremos evangelizar o mundo; pois não há um acordo sobre o que é evangelização e, por conseguinte, essa expressão não basta para definir um plano de ação coletiva. É preciso dar um conteúdo histórico a essa evangelização. Se ela não entra na história, não faz nada, fica no puro discurso. Discurso sobre evangelização há muitos. É preciso estar bem consciente disto: se a evangelização não se inscreve na história, ela não existe. Ela deve definir um conteúdo que seja exatamente a resposta às aspirações explícitas ou implícitas do mundo. A tarefa da evangelização tem por finalidade, no mundo atual, chamar os povos para que sejam povos, na realidade, caminhando no povo de Deus. Não queremos sintonizar com as aspirações claras ou secretas dos habitantes do mundo atual (COMBLIN, 2002, p. 355).

O mundo atual aí está; “é preciso reconhecer sua existência tal qual é. É preciso criar uma nova *práxis*” (COMBLIN, 2002). Como escreveu um professor venezuelano [Simón Rodríguez] no século XIX: “ou

inventamos ou erramos”. Esse é um desafio do mundo atual.

Vamos ao que nos sugere o Comblin.

Sabemos que a democratização foi um engano para iludir o povo. Por esse caminho, jamais o povo dos pobres pode mudar a sociedade. Os cristãos não podem ficar sossegados achando que a ação política dentro da chamada democracia vai estabelecer a justiça, sem que a Igreja tenha que interferir: cada um vota de acordo com a sua consciência, e tudo fica em ordem. Isso é ilusão. Com a mídia, a manipulação das massas se torna inevitável e os eleitos não têm muita liberdade, por serem controlados pelos que manipulam a mídia. Ninguém mais pode falar a verdade. Os governos eleitos não podem nada se não sofrem pressões populares fortes, de alta visibilidade. Nunca tomarão medidas favoráveis ao povo, se não for por pressão das forças populares. Pela mídia, as elites dirigentes impedem que tomem medidas desfavoráveis a elas (COMBLIN, 2002, p. 437).

Exemplo agora, os Conselhos populares... que não estão querendo aprovar...

O que fazer? Não é por via das eleições e das assembleias representativas, menos ainda pela eleição do presidente da República, que se pode agir. Hoje o que vale são as minorias ativas. Na atualidade, a expressão mais comum dessas minorias são as ONGS. Elas parecem mais capazes de levar as transformações sociais do que os partidos políticos ligados ao imediatismo da conquista do poder formal. Elas querem atingir a

opinião pública, os valores... E conseguiram em vários casos como: ecologia, feminismo, problemas das raças, direito das crianças etc. O importante é lutar por um objetivo. Sem isso vão ter que burocratizar-se, multiplicar os estudos teóricos e depender de fontes de financiamento. E hoje os homens de ação perdem diante dos homens do papel e mais ainda do computador...

Vimos o que significou o Fórum Social Mundial em Porto Alegre? As ONGs conseguiram despertar as suspeitas generalizadas sobre a eficiência do neoliberalismo. Mas o sistema é esperto em recuperar os adversários e sabe que sempre há pessoas que se deixam atrair, seja pelo dinheiro, ou seja, pela variedade de pertencer aos círculos dos eleitos deste mundo. Poucas permanecem intransigentes. O povo pode e deve recuperar a cidadania pela ação direta.

Qual a meta do povo de Deus neste momento da história? Não é converter indivíduos... Antes de tudo é preciso saber o que se quer e o que se oferece aos homens e mulheres do nosso tempo. A meta da Igreja aparece pelos sinais do tempo. Os sinais do tempo são claros:

- 1) Demograficamente o mundo ocidental está condenado a desaparecer dentro de poucos séculos. 80% da população mundial moram no terceiro

mundo e a proporção tende a aumentar... O sinal é que o futuro do povo de Deus está no terceiro mundo...

- 2) Em segundo lugar, as populações do terceiro mundo vivem num caos. A maioria da população não sabe para onde vai. Tem imensas aspirações, muitas esperanças, mas não sabe o rumo. A mensagem cristã é que são chamados a formar povos, segundo a imagem do povo de Deus: o povo é colaboração e aliança entre pessoas livres, iguais e fraternas. Essa é a meta. O povo de Deus pode mostrar o caminho e o modo de caminhar, se é que se interessam. Se não se interessa, ficará dentro do templo cantando os louvores enquanto a humanidade vai tateando sem rumo

(COMBLIN, 2002, p. 352). Aleluia, Glória. É preciso imaginar e criar novos modos comunitários de viver. O que importa não é comer juntos ou dormir juntos debaixo do mesmo teto, mas trabalhar juntos. Se isso é possível na sociedade civil, por que não o seria na Igreja? As comunidades científicas, empresariais, artísticas e outras subsistem porque têm projetos e metas. O que as une são as metas. O que falta na Igreja são as metas. O desafio do povo de Deus vai além da questão do isolamento, da solidão. O problema é a construção do povo, tarefa que exige a colaboração de milhares e milhões de comunidades com metas (COMBLIN, 2002, p. 353).

4 Um recado: a verdade é...

Como a colcha de retalho está ficando grande – e nem é para cama de casal - sugiro que procurem aprofundar o pensamento do Comblin nos seus diversos escritos e em especial nos livros: "O Caminho" (COMBLIN, 2004) e "A vida" (COMBLIN, 2007). Encerro com um recadinho dele no livrinho chamado:

"O que é a verdade?" (COMBLIN, 2005, p. 65). Na página 65 o Comblin escreve:

Revoluções verdadeiras são aquelas em que o povo tem ampla participação e que corresponde aos seus anseios. Não movimentos de puras elites em que o povo não se reconhece. As revoluções contribuem para a marcha do povo de Deus à medida em que

são movimentos dos pobres e

promovem os pobres.

Referências

COMBLIN, José. **O provisório e o definitivo**. São Paulo: Herder, 1968.

_____. **A Vida**: em busca da liberdade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O caminho**: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O que é A Verdade?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

Trabalho recebido em: 04/09/2014.
Aceito para publicação em: 02/02/2015

José Comblin, homem do Espírito

José Comblin: a man of the Spirit

Sebastião Armando Gameleira Soares¹

Resumo

Este texto consiste de um testemunho acerca do padre José Comblin, apresentando-o como personalidade genial, testemunha da tradição de Jesus, sábio e mestre. José Comblin é apresentado como "homem do Espírito" não só pelo lugar que a pneumatologia ocupa em seu pensamento de teólogo, mas também pela inspiração de sua vida de cristão.

Palavras-chave: José Comblin. Vida e obra. Tradição de Jesus.

Abstract

This text consists of a testimony about the priest José Comblin presenting him as a genial personality, witness to the tradition of Jesus, wise and master. José Comblin is presented as "man of Spirit" not only by the place that occupies his thoughts of pneumatology theologian, but also by the inspiration of your Christian life.

Keywords: José Comblin. Life and work. Tradition of Jesus.

¹ Bispo emérito da Diocese Anglicana do Recife – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Bacharel e mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana, de Roma. Obteve também o mestrado em Ciências Bíblicas, no Instituto Bíblico, de Roma, e o mestrado em Filosofia na Universidade Lateranense, de Roma. Ainda em Roma, fez Especialização em Sociologia, na Universidade dos Estudos Sociais. É também bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda. Desde 1973 foi professor do Instituto de Teologia do Recife – ITER, onde também foi por vários anos Coordenador Geral dos Estudos e assessor para formação teológica no Departamento de Pesquisa e Assessoria – DEPA. Foi também assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB-Nordeste II e da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB -Nordeste. Desde 1989 foi professor e logo em seguida Reitor do Núcleo Anglicano de Estudos Teológicos – NAET, do Recife. Foi recebido oficialmente na Comunhão Anglicana em 1993, tendo sido ordenado Diácono e Presbítero em 1997, na Diocese Anglicana do Recife. Há mais de vinte e cinco anos tem sido assessor do Centro de Estudos Bíblicos – CEBI (ecumênico), tendo assumido a Direção Nacional e a Coordenação Nacional do Programa de Formação, além da coordenação e da assessoria do Curso Extensivo de Formação de Biblistas. Também tem colaborado na assessoria ao Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular – CESEP (São Paulo). No ano 2000 foi eleito e assumiu o Episcopado na Diocese Anglicana de Pelotas. Foi Bispo Diocesano da Diocese Anglicana do Recife até dezembro de 2013.

1 Personalidade genial

Um dos primeiros traços que se podia observar, nitidamente, na personalidade do querido Padre José é, sem dúvida, a genialidade, que se manifestava em sua inteligência em leque, treinada com esmero por refinada formação interdisciplinar e evidente em seu amplíssimo horizonte de pensamento e de ação. Passava com toda naturalidade da Sociologia e da Antropologia Cultural à História Geral, à História e Sociologia da Cultura e das Instituições, assim como à História da Igreja e à História dos Sistemas Políticos e dos Movimentos Sociais; conhecia Filosofia e era capaz de analisar com precisão as ideologias em debate; manejava com maestria a História da Teologia e a Teologia Sistemática, bem como Exegese e Teologia Bíblica. Ao mesmo tempo, tinha refinada

sensibilidade e incrível capacidade de observar a realidade concreta de vida das pessoas, ao mesmo tempo em que era “trabalhador intelectual” incansável. O ponto de partida de toda a sua reflexão é a análise e a crítica da realidade e das propostas com as quais diferentes grupos e tendências dela se aproximam para conhecê-la e nela interferir. Ao escutá-lo ou ler seus textos, sentia-se a admirável capacidade de estar informado sobre o que acontece em todos os continentes, na sociedade e na Igreja cristã, e as diversas conexões entre acontecimentos e processos, um verdadeiro “computador” ambulante, dizíamos com frequência, entre brincadeira e em sério. Era capaz de falar por horas e dias sem notas escritas sobre o assunto a apresentar, com memória e ordem mental prodigiosas.

2 Testemunha da tradição de Jesus

Quem sabe, a afinidade com o concreto da realidade e com a Bíblia, associada à atitude espiritual, levavam-no a perceber claramente a corrente profunda do Evangelho que conduz a Jesus: o povo e sua vida tão castigada pela opressão dos grandes deste mundo. Para ele, aliás, “povo” não é, antes de tudo, categoria sociológica, mas teológica, uma vez que o princípio formador não é o poder mundano, mas o

Espírito, é o Espírito a força capaz de formar o povo e infundir-lhe o senso de “aliança”. Escreveu “O Povo de Deus”, tema radicalmente bíblico, sua atenção se centra no chamado “laicato” (o “laós” de Deus) e, particularmente, nos pobres. A Igreja lhe interessa e muitíssimo, porque está chamada a ser testemunha de Jesus e por sua capacidade de influenciar os povos, mas só lhe interessa enquanto testemunha do

Evangelho e agente do Reino de Deus. Tem claro que o centro do Evangelho é o anúncio do Reino – mediante sinais, gestos, ações e a atitude de liberdade profunda face a qualquer sistema. Neste sentido, foi radicalmente político, porque profeta, político e amplamente ecumênico. Daí, sua fina atenção à profecia e ao Espírito Santo em confronto com os sistemas de poder. Não por acaso escreveu muito sobre o Espírito. Entre outros textos, “A Força da Palavra”, “O Tempo da Ação”, “O Espírito Santo e a Libertação”, “O Espírito Santo e a Tradição de Jesus”, e “Vocação para a Liberdade”... Para ele esse é o caminho da “verdadeira” Igreja, a qual atravessa os tempos em corrente quase subterrânea, a corrente da liberdade, desde as origens (apóstolos e apóstolas, confessores(as), mártires, o monaquismo e os Pais da Igreja), passando pela Idade Média, nos movimentos dos pobres e dos “espirituais”, influência dos místicos e das mulheres... tanta gente acusada de heresia e até condenada à morte, pensemos na Inquisição e na caça às bruxas, na Reforma e nas revoluções até os movimentos de libertação de nosso tempo; pensemos nos Quilombos, em Canudos, no Contestado, na Ação Católica, nas comunidades de base, nos movimentos populares e naquelas figuras que costumava chamar de “Pais da Igreja Latinoamericana”, a geração de bispos do Concílio e de Medellín, para ele uma geração que só reaparecerá daqui a

mil anos... (esperamos que se tenha enganado quanto a prever tempo tão longo). Era claro para ele que muita coisa na Igreja nada tem a ver com Jesus e Sua tradição. Gostava de lembrar que já não devemos falar tanto em “eclesiologia”, mas em Espírito Santo, pois não se deve esquecer que o “discurso eclesiológico” é acentuadamente “discurso do poder”, pois, na verdade, a Eclesiologia nasceu do Direito e não da meditação do Evangelho.

Revelava nítida clareza em relação à tarefa da Igreja, que não é a de agente de religião, esta para ela não passa de instrumento de comunicação com o povo. Usava confrontar religião e Evangelho, de maneira muito parecida com o que fizeram Carlos Barth e o teólogo anglicano socialista Frederico Maurice. Vivia isso, de fato, em seu ministério pessoal de “padre”, cujo centro não era o culto, mas a ação e a profecia: “Não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho” (1Cor 1, 17), dizia o Apóstolo. Ou seja, é preciso reverter a grande inversão: a maior parte de energia da Igreja se aplica, infelizmente, em atividades religiosas, basta verificar o quanto se investe em pessoas e meios para pôr no centro a dimensão cultural. Como costume sintetizar, para ele, o centro da vida da Igreja tem de ser a DIACONIA, ação de Deus em nós e através de nós, “prática” de amor fraternal, traduzido em serviço, dentro

da comunidade e transbordamento da vida de amor mediante a ação sociopolítica de transformação da sociedade, como fundamento da denúncia do pecado do mundo e do anúncio da boa nova da felicidade (“xalôm”), ou seja PROFECIA, que seria, na Igreja o equivalente da “teoria”. Da articulação de ambas – diaconia, fundamento da autoridade da palavra de profecia – surge a LITURGIA como expressão poética, simbólica, pela qual se “dramatiza” a “obra de Deus” na história humana. Se olhava com atenção amorosa a prática da religião popular era para perceber aí a fé dos pobres em Jesus e as possibilidades de conectá-la

3 Sábio

Tinha uma espécie de “sexto sentido” para discernir por entre os sinais da realidade e dos movimentos humanos, daí, sua refinada aptidão para escutar em longos momentos de silêncio e para assessorar e chamar a atenção para coisas importantes muitas vezes esquecidas ou, simplesmente, não vistas. Não se interessava apenas por “ensinar”, sua maneira de produzir Teologia era “provocar” para que as pessoas, não só “aprendessem”, mas sobretudo “apreendessem” (agarrassem o objeto) e fizessem o processo de reflexão por elas mesmas, mesmo que as conclusões não fossem

com a grande tradição profética da mensagem bíblica.

No que concerne à tarefa da Teologia da Libertação, ele começara a falar em “Teologia da Revolução”, como Richard Shaull, até publicara dois volumes de “Théologie de La Révolution”, mas logo adotou a nova terminologia lançada por Rubem Alves e Gustavo Gutierrez. Considerava-a Teologia para a Igreja universal, pois trata-se primeiramente de “libertação da Teologia”, como costumava falar o grande Juan Luis Segundo, e de método fundado em nova óptica para olhar o mundo e nele atuar, “a partir dos pobres”, ou seja, do Jesus dos evangelhos.

necessariamente as suas. Como dizia um velho mestre, não ensinava tudo o que tinha aprendido, nem ensinava o que não “sabia” (o que não era saboreado por ele mesmo), limitava-se a comunicar aquilo que, a seu ver, outras pessoas tinham necessidade de aprender para caminhar de maneira mais clarividente na vida.

Desde cedo no Brasil, particularmente pela Revista REB, insistia em mostrar como a nova evangelização e a ação pastoral só serão possíveis na medida em que tomemos consciência da história de nossos países e de nossa trágica história como Igreja

no Continente e façamos análise crítica da ação praticada junto a nossos povos – aborígenes, africanos, as massas pobres. Como aqui estamos distantes do que dizia Bento XVI em sua visita ao Brasil, ao pretender negar o conflito e a violência física e cultural da conquista e dizer que o que houve aqui foi um “fecundo encontro de civilizações”! O famoso “documento” de preparação a Medellín é exemplar: no Continente, os parlamentos corruptos e antipopulares não serão capazes de encaminhar as reformas econômicas, sociais e políticas em favor do povo; a perspectiva tem de ser “revolucionária”, por motivos teológicos, pois trata-se de “criar novos céus e nova terra” a partir dos pobres, “reinventar o mundo”, como dizia Paulo Freire.

Tinha claro que o dogmatismo tem de ser denunciado como alienação das “verdades abstratas”; os novos povos têm direito a “reinventar” a Igreja pelo processo de inculturação da fé, como se deu na antiguidade com o Judaísmo, a sociedade grecorromana e os povos germânicos e anglossaxões. Processo que foi impedido quando se tratou da Ásia, da África e de nossa Afroameríndia, onde houve apenas imposição do modelo construído finalmente na Idade Média. Viu claramente que a Cidade seria o novo contexto de ação da Igreja e, por isso, escreveu “Teologia da Cidade”, e que a Paz seria problema crucial, por isso “Teologia da Paz”, assim como teve

certeza de que a Segurança Nacional era idolatria, teologicamente e, por isso, devia ser denunciada como pecado.

Para ele, o caminho a seguir era claro: investir na formação do laicato e, particularmente, do laicato pobre, para que a Igreja se transformasse, por isso erigiu como ícone da Igreja no Nordeste a figura do Padre Ibiapina, como o tem feito também o historiador Eduardo Hoornaert. Em certo momento, propôs o “Comentário Ecumênico da Bíblia” a ser elaborado por biblistas daqui, com a inclusão de autores de outros países de nossa Afroameríndia, pois estava certo de que em cinco anos a Igreja entraria em processo de fechamento contra o Concílio, o que de fato aconteceu.

Foi muito além dos limites da institucionalidade, e isso amedrontava os detentores do poder, quer na ditadura militar, quer na instituição eclesiástica que tem, também ela, aspectos ditatoriais. São eloquentes dois fatos de sua biografia: a agressão física de Lopez Trujillo em Puebla, que o apertou pelo pescoço, como se desejasse estrangulá-lo, e as suspeitas de heresia levantadas pela Nunciatura no Brasil, às quais Dom Helder respondeu com sua proverbial fineza diplomática, solicitando ao núncio papal uma varredura em suas obras para a identificação das heresias. A resposta final: “Na verdade, não se acha heresia formal, o que se percebe, no entanto, é um difuso clima de heresia”. E a reação do Arcebispo: “Contra clima de heresia

não posso abrir nenhum processo, só se tratasse de heresia formal”.

Ao definir, em conferência pública, a função da Teologia hoje, disse certa vez: “Desmontar as ortodoxias”. Em seus últimos tempos, costumava repetir: “É preciso começar tudo de novo”, como dissera São Francisco no leito de morte, “o Cristianismo não fracassou porque simplesmente ainda não conseguiu ser posto em prática”... o que se compreende quando se pensa no seguinte: com Constantino, no século IV,

a Igreja se afasta do mundo dos pobres e abraça o Império; com Santo Agostinho, século IV, a Igreja se afasta do “corpo” e, com a exclusão do corpo, exclui-se a mulher; com Gregório VII, século XI, a Igreja exclui o laicato e se autocompreende como poder clerical; na época da conquista dos “novos” continentes, exclui-se a diversidade dos povos, não mais se permite o processo de inculturação vivido pela Igreja antiga...

4 Mestre

Viveu dedicado a ensinar. Em certo momento decidiu não mais colaborar na formação do clero, em seminários e faculdades, e dedicar-se à tarefa de promover a formação teológica e pastoral do laicato, sobretudo de gente do interior, mulheres e homens, e, em particular, do sertão do Nordeste. Seu jeito de lecionar era tido como “monótono”, sempre no mesmo tom de voz, e, no entanto, era intensamente procurado para ser “ouvido”. Tímido, mas ousado estrategista e por isso fundador ou inspirador de múltiplas iniciativas, e planejador ou formulador de novos projetos: “Teologia da Enxada”; Seminário Rural que se tornou Centro de Formação Missionária, em Serra Redonda e em Mogeiro (Paraíba); Associação de Missionários e Missionárias do Campo; “Curso da Árvore”; seminário

para a formação de gente do interior do sertão para várias dioceses da Bahia e outras (Piauí, Paraíba...); Fraternidade do Discípulo Amado e diálogo periódico com um grupo de pastores protestantes. E outras.

Grande pedagogo, deixa discípulos e discípulas em diversos campos, desde o pensar teológico até o exercício da tarefa de evangelização e da ação pastoral. Para ele, essencial na Igreja é sentir-se enviada, missionária. Dizia com ironia que o Documento de Aparecida iria necessitar de duzentos anos para ser levado à prática, porque os agentes da Igreja perderam a capacidade missionária e quase só se dedicam a manter a pesada máquina da instituição eclesial, inclusive as congregações religiosas que, teoricamente, deveriam ser a força

avançada da Igreja, até mesmo congregações ditas “missionárias”. Denunciava o prestígio obtido por movimentos conservadores no período pós-conciliar, a partir do papado de João Paulo II, quando se promoveu o

desmonte do Concílio, tanto no que se refere a sua inspiração, quanto a novas instituições dele surgidas ou por ele chanceladas, como a relativa “desautorização” das Conferências Episcopais.

5 Conclusão

Ao definir, em conferência pública, a função da Teologia hoje em dia, disse certa vez: “Desmontar as ortodoxias”. Em seus últimos tempos, quando já passava dos oitenta anos, insistia e costumava repetir, como São Francisco de Assis no leito de morte: “É preciso começar tudo de novo”. Na verdade, o Cristianismo não fracassou na história, é que simplesmente ainda não chegou a ser posto em prática, afirmação que se compreende perfeitamente quando se pensa no seguinte: logo cedo, no encontro com a sociedade grecoromana, foi ficando distante a “mentalidade bíblica” e a mente cristã se tornando cada vez mais abstrata e dogmática, afastando-se da história; com a adesão ao Império, a partir de Constantino, no século IV, a Igreja se abraça com o poder e não mais se identifica com o mundo dos pobres; na época do grande Santo Agostinho, em prejuízo da visão bíblica unitária (hoje, talvez, disséssemos “holística”) o dualismo leva a romper com o corpo,

inferiorizá-lo, quase demonizá-lo; ora, com o desprezo da matéria e a quase exclusão do corpo, necessariamente exclui-se a mulher, quando a sociedade é de homens; com o papado de Gregório VII, no século XI, a Igreja, ao tentar livrar-se da indevida ingerência dos príncipes nos negócios eclesiásticos, exclui o laicato (na verdade, no regime de Cristandade, os príncipes e governantes eram, de fato, o laicato representativo na Igreja) e se autocompreende como poder clerical personificado no papa; na época da conquista dos chamados “novos” continentes, exclui-se, finalmente, a diversidade dos povos, não mais se permitem processos de inculturação como os vividos na Igreja antiga. Quem sabe, estamos ainda paralisados na segunda fase da história da Igreja, a fase européia, com o campo aberto ao novo encontro com Ásia, África e nossa querida Afroameríndia. “É preciso começar tudo de novo” ...

Trabalho recebido em: 03/09/2014.
Aceito para publicação em: 16/03/2015.

O Apocalipse como fonte inspiradora da Cristologia de José Comblin

The Apocalypse as a source to the José Comblin's Christology

Eduardo Hoornaert¹

Resumo

Neste texto o autor torna à tese de doutoramento de José Comblin, '*La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)*', defendida na Universidade de Lovaina nos anos 50 e que, após adaptação, veio a ser seu primeiro livro, '*Le Christ dans l' Apocalypse*', publicado em 1965. Considera-se, então, o modo de fazer teologia de José Comblin influenciado pela sua formação em Lovaina. A partir das imagens de Cristo como cordeiro e como testemunha, pode-se notar um vazio na cristologia oficial e fazer proposta de revisão da cristologia considerando a vida que Jesus viveu e não apenas sua morte vicária e ressurreição.

Palavras-chave: José Comblin. Apocalipse. Metáforas de Cristo.

Abstract

The author in this paper back to José Comblin's thesis '*La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)* that was defended at Louvain University in the 50's and was published as a book named , '*Le Christ dans l' Apocalypse*' in 1965. The Comblin's way to think the Theology was influenced by his formation in Louvain. From the images of Christ as a lamb and as a witness may notice a void in official Christology and proposed revision of Christology considering the life that Jesus lived and not just his vicarious death and resurrection.

Keywords: José Comblin. Apocalypse. Metaphors of Christ.

¹ Padre belga radicado no Brasil já há mais de 50 anos. Historiador e teólogo. Lecionou a disciplina de História da Igreja nos Seminários de João Pessoa, Fortaleza e no SERENE II do Recife. Foi também professor do extinto ITER (Instituto de Teologia do Recife). Assessor das CEB's. Pesquisador no Mestrado de História da Universidade Federal da Bahia. Organizou recentemente pela editora Paulus o livro '*Novos Desafios para o Cristianismo – a contribuição de José Comblin*'. E-mail: e.hoornaert@yahoo.com.br

Proponho que nos concentremos num dos primeiros livros de José Comblin: 'Le Christ dans l' Apocalypse', uma adaptação de sua Tese de Doutorado em Teologia defendida na Universidade de Lovaina nos anos de 1950, cuja redação foi concluída em 1962 em Santiago do Chile e que foi

publicado por Desclée de Brouwer de Tournai em 1965.

Uma observação preliminar: sabemos que José Comblin se concentrava na Pneumatologia, ou seja, na análise da atuação do Espírito Santo e que ele tinha restrições diante da Cristologia em voga. Este trabalho procura elucidar essa questão.

1 Roma dogmática e Lovaina 'filóloga'

Nas páginas 36 a 40 da excelente biografia de José Comblin escrita por Mônica Muggler, encontramos preciosas informações sobre a maneira em que se trabalhava a teologia em Lovaina nos anos em que Comblin preparava ali seu doutorado, ou seja, entre 1946 e 1950. 'Nessa época', escreve, 'a teologia em Lovaina era essencialmente histórico crítica. Partia do contexto histórico que a tudo confere um valor relativo' (MUGGLER, 2013, p. 38).

Essa informação de Mônica Muggler me levou a tomar em mão o livro 'O Cristão na Teologia de Paulo' (SÃO PAULO, Paulus, 2002), escrito em 1962 pelo professor e orientador de Comblin na tese de doutorado, Lucien Cerfaux. Aí o professor escreve: 'é na qualidade de filólogo que trabalho' (p. 30). Ele escreve ainda que 'a construção teológica é simbólica' (p. 513) e que 'nós temos necessidade de símbolos e os empregamos instintivamente' (p. 170). É de se imaginar que o aluno de Cerfaux

tenha captado o pensamento do professor e tenha aprendido que, para ser um bom teólogo, é preciso ser um bom filólogo. Precisa aprender a estudar as palavras bíblicas em minúcias. Para tanto, o estudante tinha a seu dispor o impressionante 'Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament', um dicionário de termos gregos usados pelos escritores do Novo Testamento, em plena fase de publicação naqueles anos. Ainda vi fascículos não encadernados do 'Wörterbuch' na biblioteca de Comblin em Olinda, nos anos 1965-1970. Penso inclusive que esse é o legado mais importante da doação de livros feita por Comblin à Biblioteca da UNICAP. É curvado sobre o 'Wörterbuch' que imagino o estudante José Comblin, feliz de estudar numa Lovaina filóloga, não numa Roma dogmática. Foi essa teologia 'filológica' que influenciou, ao longo de muitos anos, pessoas intelectualmente dotadas da América Latina, que vieram estudar em Lovaina. Mônica nos lembra

alguns nomes: Juan Luis Segundo, Camilo Torres, Gustavo Gutiérrez, Enrique Dussel, Ivone Gebara, Pablo Richard. Outros estudantes latino-americanos frequentavam Universidades alemãs, como Leonardo Boff, Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría, João Batista Libânio e Manfredo de Oliveira. A descrição de Mônica combina perfeitamente com o que o próprio Comblin escreve na Introdução da Quinta Redação de seu livro póstumo (COMBLIN, 2012), quando ele recorda que, reunidos num congresso de teologia

em El Escorial (Espanha), no ano 1971, os 'lovanistas' se 'reconheceram' (veja página 74 do livro de Mônica Muggler). Ali a Teologia da Libertação tomou corpo: todos tinham aprendido a trabalhar com o método histórico crítico e filológico. Todos sabiam (uns mais, outros menos) contextualizar e trabalhar com as metáforas, linguagens simbólicas, mitologias e imagens mágicas que encontravam nos textos bíblicos. Eram formados numa teologia baseada em filologia, história e pensamento crítico.

2 A Cristologia metafórica do Apocalipse

Foi muita ousadia, por parte de um estudante de 26 anos, escolher, para sua Tese de Doutorado, o livro mais difícil do Novo Testamento, o Apocalipse. Era pisar em terreno novo, enfrentar, nos anos 1946-1950, um texto inteiramente versado em linguagem simbólica. Não era costume fazer teologia a partir da linguística. Comblin deve ter trabalhado duro e depois nunca mais escreveu um livro tão recheado de citações bíblicas, referências bibliográficas, minuciosas análises de palavras gregas. Quem hoje, depois de 50 anos, retoma esse livro, fica impressionado (1) pelas continuadas e minuciosas análises filológicas e (2) pela capacidade de acenar, embora de forma discreta e alusiva, para situações atuais. Ali já está o Comblin da Teologia da

Libertação, ainda na concha, mas dá para se perceber uma sensibilidade social que se esconde e ao mesmo tempo se revela no texto. Pois naquele tempo não convinha expressar sentimentos numa Tese de Doutorado.

'O Cristo no Apocalipse' é uma análise das metáforas aplicadas à figura do Cristo por São João. Observe-se, e isso é importante, que Comblin não escreve 'Cristo' (título, apelido), mas 'o Cristo' (o ungido), um qualificativo, uma metáfora. Esse Cristo é o cordeiro (cap. 1); aquele que vem (cap. 2); a testemunha (cap. 3); o ungido (cap. 4); o vivente (cap. 5). A figura predominante é a do cordeiro e Comblin o apresenta da forma seguinte: 'O cordeiro não é o nome de Jesus, não é seu apelativo, nem mesmo seu título. É

uma figura apocalíptica. Ele pertence ao gênero apocalíptico' (p. 20). Jesus é o Cristo, o ungido, da mesma forma como ele é o cordeiro, aquele que vem, o vivente e a testemunha. Cinco metáforas revelam quem é o Cristo.

Só comento aqui a metáfora 'cordeiro', para mostrar como Comblin trabalha e como sempre existe vida por trás das palavras.

* Numa primeira abordagem, a imagem do cordeiro é uma reminiscência do versículo 7 do capítulo 53 de Isaías:

*Batem nele, pisam nele
Ele não abre a boca
Carneiro levado ao matadouro
Cordeiro tosquiado que não se mexe
Ele não abre a boca.*

Esse cordeiro parece confirmar a ideia que Jesus foi vítima inocente de algum plano misterioso de Deus, uma imagem persistente na liturgia, até nossos dias.

* Mas no capítulo 17, versículo 14 do Apocalipse, aparece um cordeiro totalmente diferente:

*Eles farão a guerra ao cordeiro,
mas o cordeiro os vencerá,
pois é o Senhor dos Senhores
E o Rei dos Reis.*

3 O 'Apêndice' do livro

Na redação de Teses de Doutorado da época não era de bom tom fazer polêmica ou externar opiniões pessoais. Tudo tinha de seguir um

O cordeiro sofredor de Isaías, 'que não abre a boca', vira o Senhor dos Senhores e o Rei dos Reis. No capítulo 19, ele assume formas ainda mais impressionantes:

*Eu vi o céu aberto
E eis um cavalo branco
E seu cavaleiro se chama
Confiável e Verdíco
É com justiça que ele julga e faz
a guerra.
Seus olhos são como chamas de fogo
Ele está revestido de um manto
encharcado de sangue
E seu nome é Palavra de Deus.
Os exércitos do céu o seguem
sobre cavalos brancos
Revestidos de linho branco e puro.
De sua boca sai uma espada
afiada
Para ferir as nações etc. (Ap 19,
11-15).*

Observem que o manto do cavaleiro vitorioso está 'encharcado de sangue'. O contexto explica que é o sangue das testemunhas. Assim o Apocalipse faz a ligação entre a metáfora cordeiro e a metáfora testemunha, e com isso entra num universo de violência. O cordeiro sofre porque deu testemunho de Deus num mundo que não o entende. Há um elo entre sofrimento e testemunho.

padrão acadêmico bastante rígido. Acontece que o livro em exame contém um Apêndice de três páginas (p. 237-240), em que Comblin solta sua prosa e

conta que estava terminando seu livro em Santiago do Chile, agosto 1962, quando lhe chegou à mão o livro de um biblista alemão, chamado Holtz, que tratava do mesmo tema que ele aborda no livro, a Cristologia no Apocalipse. Comblin argumenta que, após a leitura do livro de Holtz, ele não se vê na obrigação de mudar nada na formulação de seu texto. Por que? Holtz apresenta Jesus em dois quadros: (1) paixão e morte e (2) ressurreição. Mas, argumenta Comblin, isso é insuficiente. Holtz concentra toda a sua atenção sobre a figura do cordeiro e esquece que o Apocalipse não descreve o Cristo unicamente na qualidade de 'cordeiro', mas igualmente na qualidade de 'testemunha' (pp. 132 a 167). Ora, existe um elo entre as duas imagens. E ele remete o leitor ao terceiro capítulo de

seu livro, em que apresenta Jesus como 'testemunha'. O Cristo é humilhado porque é testemunha. Há uma concatenação: paixão e morte em consequência do testemunho, ressurreição em consequência da paixão e morte. Nas palavras do livro: 'antes de morrer Jesus foi testemunha e, por conseguinte, seu ministério na Palestina foi um testemunho. Mas trata-se de um dado implícito, que São João certamente não negaria, mas que ele nunca enuncia' (pp. 157-158). E ainda: 'a igreja é a comunidade das testemunhas, dos que levam ao mundo o testemunho de Jesus' (p. 239). A figura do Cristo explica-se por três figuras: (1) a testemunha; (2) o cordeiro humilhado (3) o cordeiro exaltado. Eis uma observação de alcance fundamental.

4 Uma lacuna no Credo de Niceia

Acontece que Holtz entra na linha da Cristologia professada no Credo de Niceia, proclamado no ano 325. Vejamos isso no texto latino do Credo, pois foi nessa língua que ele ressoou ao longo de muitos séculos:

*Et incarnatus est
Crucifixus etiam pro nobis, sub
Pontio Pilato passus et sepultus
est.
Et resurrexit
Et ascendit
Et iterum venturus est
Et in Spiritu Sancto...*

Impressionante a lacuna entre o primeiro e o segundo versículo. Passa-se por cima do testemunho de Jesus propriamente dito. Não se explica a crucifixão de Jesus. O Credo professa que ele 'foi incarnado' e logo depois diz que ele 'foi crucificado por nós, sofreu e foi sepultado sob Pôncio Pilatos'. Pilatos faz estranha figura aqui, aparece realmente como 'Pilatos no Credo'. Faz estranha figura num texto versado em linguagem a-temporal. Fica fora do contexto, recorre ao esquema

sacrificialista (*'pro nobis'*: por nós') para explicar a razão da morte de Jesus. Não se explica por que Jesus foi tão cruelmente assassinado. A razão histórica da crucificação fica oculta. E se se incluísse, por exemplo, entre os versículos 1 e 2, o seguinte versículo:

Et testificavit iniustitiam mundi?
(ele testemunhou a injustiça do mundo)

Isso não mudaria completamente o teor do Credo? Não mergulharia a vida de Jesus na história e mostraria a razão pela qual ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos?

Há de se entender por que os bispos reunidos em Niceia (concretamente no Palácio de Veraneio do imperador Constantino!) acham incômodo falar de Jesus testemunha.

5 Corrigir a cristologia oficial

Comblin não nega o Credo, mas entende que, na profissão de fé em Jesus, falta a referência à vida pública de Jesus e às contradições que ocorreram durante essa vida pública. Ele mostra nesse livro que não tem nada contra a abordagem mitológica da vida de Jesus (encarnação, ressurreição, ascensão, volta gloriosa), mas que não se pode passar por cima das posturas assumidas por Jesus no decorrer de sua vida pública. Passar imediatamente do *'et incarnatus est'* para *'crucifixus etiam pro nobis'* situa o discurso inteiro numa

Eles desejam sair da 'igreja dos mártires' e guardam na memória como o antecessor de Constantino, o imperador Diocleciano, desencadeou a mais violenta perseguição contra os cristãos. Ficam felizes por serem recebidos com honras de estado pelo imperador Constantino que conversa com eles e lhes parece um 'novo Cristo' (veja a descrição num texto de Eusébio de Cesareia, onde se escreve que o imperador conversa informalmente com os bispos). Aí não há clima para se falar em Jesus mártir (testemunha). Mas o que há de dramático em querer preencher hoje a lacuna no Credo de Niceia, tão destoante do evangelho? O Credo não é um texto passageiro, como todos os textos que os seres humanos produzem?

esfera meta histórica, ou seja, apela para uma leitura sacrificial da morte de Jesus, como escrevi acima. O grave, aqui, consiste em camuflar a razão histórica da morte tão cruel de Jesus.

Não existe uma definição propriamente dita de Jesus no Apocalipse, mas um acúmulo de metáforas que dizem aspectos de sua mensagem e de sua atuação. Comblin trabalha igualmente com metáforas. Sua teologia não define, mas descreve e das descrições tira conclusões práticas, ou seja, que se aplicam à ação. Nos cinco

livros que ele dedica ao Espírito Santo, Comblin fala em ação, palavra, povo de Deus, liberdade, desobediência. Ao longo de sua atuação como teólogo, a Pneumatologia sustentara suas ousadas afirmações. Nisso existe um impressionante paralelismo com o que vemos no capítulo 3 do Evangelho de João sobre um encontro noturno entre Jesus e Nicodemos. O primeiro fala em 'nascer de novo' e 'nascer do Sopro Santo'. Nicodemos não entende nada, Ele pensava discutir doutrina com Jesus e agora o ouve falar em ação na vida comum. Sua decepção fica manifesta na observação: 'você quer dizer que é preciso entrar de novo no ventre da mãe'? Isso é absurdo! Mas Jesus continua: 'o Sopro Santo sopra onde

quer'. Fora do universo de ritos, orações, observâncias de regulamentos. Fora das instituições religiosas. Jesus fala em agir, fazer algo. Não trata de executar o que está prescrito na lei, recitar profissões de fé ou participar de ofícios religiosos. Penso que algo parecido ocorre entre José Comblin e os defensores do Dogma ou do Direito Canônico.

Resumindo: a preocupação social, que se manifestará mais tarde sempre mais claramente na obra de Comblin, decorre de sua interpretação da Cristologia praticada por São João no Apocalipse, tal qual a encontramos em sua Tese de Doutorado. Sem explicitar a coisa, Comblin na realidade corrige a Cristologia oficial em seu livro sobre o Apocalipse.

Referências

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na Teologia de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. **La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21:1-22:5)**. Tese de Doutorado. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1953.

_____. **Le Christ dans l'Apocalypse**. Tournai: Desclée & Cie, 1965, 268 p.

(Bibliothèque de théologie – Théologie biblique – Série III – vol 6).

_____. **O Espírito Santo na Tradição de Jesus**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

MUGGLER, Mônica Maria. **Padre José Comblin. Uma vida guiada pelo Espírito**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.

Trabalho recebido em: 10/09/2014.
Aceito para publicação em: 16/02/2015.

O Padre Comblin e a sua Teologia política

Priest Comblin and his Political theology

Marcelo Barros¹

Resumo

O presente trabalho objetiva refletir sobre algumas obras do saudoso padre Comblin, tendo como ponto de partida "*Le Christ dans l'Apocalypse*" (O Cristo no Apocalipse), fruto da sua tese de doutorado realizado nos anos 50, mas, só escrita para publicação em 1965. Podemos perceber a partir da leitura desse livro um Comblin que já apresentava uma sensibilidade social e que já nos faz descobrir o teólogo da libertação que ele seria (e foi) no Brasil.

Palavras-chave: José Comblin. Missão. Teologia da Enxada.

Abstract

The present text aims to reflect on some works of the late priest Comblin, taking as a starting point "*Le Christ dans l'Apocalypse*" (the Christ in Revelation), fruit of his PhD thesis performed in 50 years, but just writing for publication in 1965. We can see from reading this book one already presented a Comblin social sensitivity and makes us discover the liberation theologian he would be (and was) in Brazil.

Keywords: José Comblin. Mission. Theology of Hoe.

¹ Monge beneditino, escritor e teólogo brasileiro. Em 1969 foi ordenado padre por Dom Helder Câmara e, durante quase dez anos, de 1967 a 1976, trabalhou como secretário e assessor de Dom Helder para assuntos ecumênicos. É um dos três latino-americanos membros da Comissão Teológica da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), que reúne teólogos da América Latina, África, Ásia e ainda minorias negras e indígenas da América do Norte.

1 Introdução

Eduardo [Hoornaert], meu irmão e mestre (professor em todo meu curso de Teologia) nos apresentou um dos primeiros livros do padre Comblin: “*Le Christ dans l’Apocalypse*” e nos mostrou, como já nesse livro de 1965, se descortinam as grandes linhas da teologia e da intuição do Padre Comblin, como a exegese bíblica a partir do método histórico-crítico, a relação entre

crítica e filosofia e a questão das metáforas do Comblin que dão título à apresentação do Eduardo. Gostaria de continuar a nossa conversa a partir do mesmo livro do Comblin, mediado pelas reflexões com as quais Eduardo nos presenteou e, agora, me propondo a aprofundar com vocês algumas intuições sobre a dimensão político-revolucionária da teologia do Comblin.

2 Retomando alguns elementos já mostrados por Eduardo

Ele (Eduardo) nos mostrou como nesse livro que sintetiza a tese de doutorado que Comblin fez em Louvain nos anos 50, já aparece o teólogo da libertação, como diz Eduardo, “ainda na concha”. De fato, eu li esse livro do Comblin ainda nos meus primeiros anos de monge em Olinda e agora reli. Concordo totalmente com Eduardo:

- a) Comblin insiste nas metáforas do Cristo (imagens abertas, palavras que nos transportam de um a outro sentido);
- b) Eduardo sublinha que Comblin sempre fala em O Cristo e, não apenas em Cristo. Na teologia posterior, autores como Panikkar (2008) vão mostrar que o Cristo é maior ou mais amplo do que Jesus. Jesus é plenamente o Cristo, mas quando falamos no

Cristo, estamos nos referindo a uma realidade ou missão que vai além de Jesus;

- c) Nesse livro, Comblin dedica várias páginas (mais de 30 – da página 132 a 167) a revelar o Cristo como *testemunha* – assim, Comblin, abre duas dimensões fundamentais da Cristologia Latino-americana:

- 1) A primeira é a importância do Jesus histórico, do testemunho dado na Galileia e no caminho para a Cruz;
- 2) A segunda é a consequência do testemunho de Jesus e dessas metáforas do Apocalipse para a inserção política transformadora e,

podemos mesmo dizer, revolucionária.

De fato, Eduardo tem razão: como mudaria não somente o nosso Credo, mas mesmo a forma de viver a fé, se, no Credo de Nicéia ou no chamado símbolo apostólico, depois de falar que Jesus nasceu de Maria, não se passasse imediatamente a dizer que morreu sob Pôncio Pilatos! E na vida histórica dele o mais importante foi como disse Eduardo: "*testificavit injustitia*

mundi" (testemunhou a injustiça do mundo). Ao dedicar em seu livro tantas páginas a falar do Cristo como testemunha, Comblin abre esse caminho que depois foi aprofundado por Leonardo Boff, Jon Sobriño e tantos outros e outras.

Como diz Eduardo, o padre Comblin mostra já nesse livro uma sensibilidade social que já nos faz descobrir presente o teólogo da libertação que ele será no Brasil.

3 A dimensão sócio-política da leitura que Comblin faz do Apocalipse

Nesse livro, Comblin (1965) mostra que o livro do Apocalipse trata não apenas do futuro escatológico como faziam os outros apocalipses judaicos do seu tempo, mas de uma escatologia realizada, isso é, de sinais do julgamento de Deus já acontecendo aqui e agora.

O fato do Apocalipse se basear totalmente nos textos do Antigo Testamento também é sintomático: Comblin mostra como a maior parte dos textos do AT citados no Apocalipse são do Êxodo e dos profetas. "A cristologia do Apocalipse é feita principalmente a partir de todos os oráculos messiânicos principais do Antigo Testamento" (COMBLIN, 1965, p. 2-4). Ora, foram esses textos exatamente os mais citados e mais aprofundados nos primeiros tempos da Teologia da Libertação.

Comblin revela que uma dimensão fundamental do Apocalipse é o messianismo. E o messianismo é mais importante no Apocalipse do que foi no Antigo Testamento. Ora, o messianismo é um termo que na nossa história recente tomou um sentido meio de quase fanatismo a-histórico, mas na tradição bíblica, significa exatamente essa dimensão da esperança radical e transformadora da libertação que começa por ser social e política porque é coletiva e concreta.

Nesse sentido, diz Comblin (1965, p. 90), "o Apocalipse é um livro enviado aos cristãos que contém a profecia a ser proferida pelos novos profetas". Que profecia é essa? O Apocalipse diz, e Comblin sublinha isso, que se trata do "julgamento das nações" (Ap. 14-20). Hoje, a tradução correta desse termo

seria “o julgamento de todo tipo de imperialismo”. É essa a linha não apenas de teólogos e exegetas latino-americanos como de comentaristas de outros continentes (MESTERS; OROFINO, 2008; HOWARD-BROOK; GWYTHYR, 2003; KRAYBILL, 2009). É assim que Comblin interpreta a figura do Filho do Homem no Apocalipse (COMBLIN, 1965, p. 73-74) e principalmente o tema do Reino e realeza de Deus.

“O tema dominante no Apocalipse é a realeza de Deus vinda a esse mundo

e se afirmando sobre toda a criação” (COMBLIN, 1965, p. 168). Ele se manifesta através do Espírito que gera a profecia e faz com que, mesmo no meio do mundo atual, as pessoas que são de Deus já pertençam ao Reino de Deus e não mais ao império do mundo. Ali, embora latentes, já se encontram os grandes temas de toda a teologia política do Comblin e do caminho da teologia latino-americana.

4 Etapas da teologia política de Comblin

Penso que, sob o ponto de vista sócio-político, a reflexão teológica de Comblin teve três etapas principais.

- a) Na década de 70 [1970] e começo dos anos 80 [1980], a reflexão do Comblin era uma reação e propunha uma resistência revolucionária às ditaduras latino-americanas.
- b) A partir dos meados da década de 80, o Comblin mais maduro aprofunda uma Teologia nova e que, em si mesma, seja libertadora e geradora de uma humanidade nova.
- c) Finalmente, a partir do final dos anos 90 e começo desse século, o Comblin se dedicará mais à formação das lideranças de base, a uma

crítica mais profunda à instituição eclesial e a uma inserção na realidade dos pobres e da vida cotidiana.

Eu teria a tendência de comparar com os três grandes momentos da Bíblia judaica: em um primeiro tempo, o Êxodo; em um segundo tempo, a atuação dos profetas; e finalmente, em terceiro tempo, a Sabedoria, no sentido da experiência cotidiana.

Vamos tentar lembrar esses três momentos fortes da teologia do Comblin.

4.1 Resistência revolucionária as ditaduras latino-americanas

Na segunda metade dos anos 60 [1960], Comblin viveu e aprofundou sua crítica ao Imperialismo que ele já mostrava presente em seu livro *O Cristo*

no *Apocalipse* (1965). Ainda no final dos anos 60, escreveu *Théologie de La Révolution* (1970), uma obra imensa em dois volumes. No primeiro volume, ele abordava as teorias das revoluções, e quem até hoje ler esse livro, fica impressionado com a quantidade e a qualidade de informações de que Comblin dispunha, o conhecimento que ele tinha sobre isso. Já no segundo volume, igualmente enorme, ele trata as práticas das revoluções históricas até então no mundo.

Em 1968, antes que falasse em Teologia da Libertação, antes de Gustavo [Gutierrez] e de Leonardo [Boff], o padre Comblin escreveu, a pedido de Dom Helder, um texto que deveria servir como subsídio para as discussões dos bispos brasileiros em preparação a Conferência episcopal de Medellín. Esse texto era politicamente muito forte, denunciava claramente a ditadura militar brasileira e propunha resistência e oposição da Igreja.

Apesar de que o texto tinha sido escrito para ser um subsídio interno e até reservado a poucas mãos, ele foi descoberto pela imprensa e caiu nas mãos da repressão. Parece que foi a gota d'água que provocou a expulsão do Padre Comblin do Brasil. Quando ele voltava de uma de suas viagens, não o deixaram entrar no país e ele ficou fora do Brasil nove ou dez anos. Na América Latina, ele ficou entre o Equador e o Chile. E foi um dos principais assessores de Dom Leônidas Proaño, em Riobamba.

Nessa fase, Comblin escreveu ainda (1977), "O poder militar na América Latina" (a ideologia da segurança nacional). No entanto, eu gostaria de frisar que a teologia do Comblin não se expressava somente nos seus escritos, mas, principalmente, nas realizações concretas que ele inspirava e animava. Era uma teologia vivida na pastoral e na inserção. Um homem formado nas universidades da Europa, com mestrado e doutorado, um teólogo que pode ser comparado com os grandes teólogos europeus da época (Congar, Chenu, Rahner etc), aqui no Nordeste inspirou a Teologia da Enxada, uma forma de formar lavradores e pessoas simples a ligar teologia e vida, uma espécie de "universidade popular" que queria formar missionários/as lavradores. Dessa experiência, surgiu a intuição das missões populares que se espalharam por todo o Nordeste, resgatando as antigas missões populares, mas com um espírito novo de Igreja comunidade e leitura bíblica libertadora (COMBLIN, 1977).

4.2 Teologia libertadora e geradora de uma humanidade nova

Nos anos 80, as ditaduras latino-americanas se acabam, mas nossos países continuam sob a ditadura econômica do Capitalismo selvagem e Comblin percebe que a Igreja Católica era conduzida por um caminho que tentava frear a renovação e esvaziar as

propostas do Concílio Vaticano II. Por isso, seus escritos se tornam mais proféticos em relação à Igreja e à própria produção teológica.

Em 1985, um ano depois da queda da ditadura no Brasil, ele escreveu um livro comparando três modelos de teologia: a da libertação, a neoconservadora então muito forte e a liberal. Depois, o Sínodo Romano de 1985 propunha uma teologia da reconciliação e Comblin reagiu escrevendo um livro sobre isso (COMBLIN, 1985).

Naquele tempo, já sob muita pressão e censura, os teólogos da libertação resolveram fazer a coleção "Teologia e Libertação", uma tentativa de fazer uma enciclopédia de vários assuntos, todos abordados a partir da visão libertadora.

Nessa coleção que ficou inacabada, Comblin escreveu três livros: "A Antropologia Cristã" (1985), "O Espírito Santo e a Libertação" (1987) e já quando a coleção estava parada, ele publicou ainda nessa coleção: "O neoliberalismo, ideologia dominante na virada do século" (2000). Era a época da perseguição aberta a teólogos da libertação. Comblin sofreu censuras, proibições de bispos locais a que ele pudesse falar aqui e ali, mas não sofreu diretamente perseguição na Cúria Romana (Eduardo já comentou esse assunto e nos disse o porquê).

4.3 Crítica à instituição eclesial e inserção na realidade dos pobres e da vida cotidiana

Nos últimos anos de vida, o padre Comblin quis escrever mais para as bases e, principalmente, quis ele mesmo viver mais a experiência de base. Estava preocupado por achar que a Igreja ainda vivia muito a missão voltada para a cultura rural quando o Brasil tinha se tornado de repente um país urbano. Escreveu dois livros sobre esse desafio: a missão da Igreja nas cidades (1998 e 2002). Certa ocasião, numa Páscoa que foi passar comigo no mosteiro de Goiás, disse-me que se sentia muito feliz porque o povo de Bayeux, onde ele morava na Paraíba, lhe via como "padre José", um simples padre do interior. No último ano de sua vida, foi viver com os pobres na Barra, BA, e fazer parte da equipe pastoral de Dom Luis Cappio.

Seus últimos livros "Vocação para a Liberdade" (1998), "O povo de Deus" (2002), e "A profecia na Igreja" (2008) são, de todos os seus livros, alguns dos mais acessíveis a qualquer leitor(a). Em todos eles, transparece a proposta de uma Igreja nova e inserida no meio do povo e em função do Reino de Deus que vem transformar todas as estruturas desse mundo. Para mim, sua última intuição e que aprendi dele foi sua adesão ao bolivarianismo venezuelano e sua abertura e simpatia para os processos políticos novos que estão

emergentes em vários países da América do Sul, como Bolívia e Equador.

Ele me dizia que, assim como ainda nos anos 60, Dom Hélder propunha aos teólogos cristãos um diálogo sério e fecundo com o Marxismo, atualmente, é importante viver a

inserção e o diálogo no processo bolivariano. Comblin estava de acordo com o professor Boaventura de Sousa Santos, quando afirma: “A América Latina tem sido o continente onde o socialismo de século XXI entrou na agenda política” (SANTOS, 2010, p.42).

5 Considerações finais

Comblin completava dizendo que era um Socialismo de tipo novo, democrático e inspirado no Bem-viver indígena. Ele, Comblin, via nesse processo três elementos fundamentais que devemos apoiar. Primeiro, a resistência e luta contra os colonialismos e imperialismos ainda dominantes. Segundo, o esforço sério de integração latino-americana em uma grande pátria única, mesmo com a autonomia de cada país e povo. E terceiro, a radicalização da democracia com formas de democracia direta e popular e a construção de um socialismo real, a partir da reforma agrária e das reformas estruturais da sociedade.

Fomos duas vezes juntos a Caracas, e uma vez eu e ele como observadores internacionais das eleições

presidenciais da Venezuela. No Fórum Mundial de Caracas, em 2006, foi ele que me incentivou a aceitar o convite para apresentar o presidente Chávez no ginásio de Esportes Poliedro para a multidão de 25 mil pessoas de movimentos populares do mundo todo. Eu queria que ele escrevesse um livro sobre Teologia da Libertação e Bolivarianismo. Ele me respondeu: “Essa tarefa agora é sua”. Escreva e eu leio e digo o que penso. Escrevi sobre Espiritualidade libertadora e Bolivarianismo. Ele leu e me disse que gostou. Mas, fica para nós essa interpelação do Comblin: precisamos hoje reencontrar caminhos de uma teologia popular ou inserida que seja pluralista e libertadora.

Referências

COMBLIN, J. *Le Christ dans l'Apocalypse*. Tournai: Ed. Desclée & Cie, 1965. v. VI.

_____. *Le pouvoir militaire em Amérique Latine* (L'ideologie de La sureté national), Paris: Ed. Jean Pierre Dalerge, 1977.

_____. **Teologia da Enxada, uma experiência de Igreja no Nordeste.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Theologie de La Revolution.** Paris: Universitaires, 1970. v. 2.

_____. **Teologia da Libertação, Teologia neoconservadora e Teologia liberal.** Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Teologia da reconciliação, Ideologia ou reforço da libertação?** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Vocação para a Liberdade.** São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Cristãos rumo ao século XXI.** São Paulo: Paulus: 1998.

_____. **Os desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus: 2002.

_____. **O Povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A profecia na Igreja.** São Paulo: Paulus, 2008.

HOWARD-BROOK, W.; GWYTHYR, A. **Desmascarando o Imperialismo:** interpretação do Apocalipse ontem e hoje. São Paulo: Paulinas, 2003.

KRAYBILL, J. N. **Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João.** São Paulo: Paulinas, 2009.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João:** coragem e alegria. São Paulo: Paulus, 2008.

PANIKKAR, Raimon. **Il Cristo sconosciuto dell'induismo, Verso una cristofania ecumênica.** Milano: Ed. Jaka Book, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. *In: Caros amigos.* Mar. 2010.

Trabalho recebido em: 04/09/2014.
Aceito para publicação em: 02/02/2015.

Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai

Migrant missionary - militant theologian
José Comblin: the return of the envoy of the Father

Paulo Suess¹

Resumo

Este trabalho, inicialmente, reconhece e identifica o Pe. Comblin instruindo e testemunhando como ser autenticamente humano. Ele é descortinado como beato, peregrino, mestre e teólogo de grande lucidez e sensibilidade. O texto o apresenta como um “Enviado do Pai” que viu em Medellín o surgimento de uma Igreja dos pobres. Vislumbra um Comblin que trouxe de cada uma de suas estações biográficas experiências de Deus, enraizadas na vida do povo. Afirma que o mesmo reconheceu e valorizou inúmeros “pequenos profetas” que nunca entraram oficialmente na história. Seu método era forjar a teologia a partir da vida concreta dos pobres.

Palavras-chave: Peregrino. Profeta. Professor. Enviado do Pai. Igreja dos pobres.

Abstract

This work initially recognizes and identifies Father Comblin's work as an instructor and role model on how to be truly human. He is bold as a leader, pilgrim, teacher and theologian of great clarity and sensitivity. This text presents him as a envoy of the Father, a person who saw in Medellin the emergence of a Church of the poor. Envisions a Comblin that brought each of its stations biographical experiences of God, rooted in people's lives. It states that he recognized and appreciated many "small prophets" who never officially entered the story. His method was to forge theology from the concrete life of the poor.

Keywords: Pilgrim. Prophet. Teacher. Envoy of the Father. Church of the poor.

¹ Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental pela Westfaelische Wilhelms-Universitaet Muenster (1977), com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do **Conselho Indigenista Missionário - Cimi**, bem como professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP e professor convidado de várias instituições acadêmicas nacionais e internacionais, atuando principalmente nas seguintes áreas: Missiologia, história, cultura, religiosidade popular, pastoral. Entre suas publicações, destaca-se o **Dicionário da Evangelii gaudium**. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo, Paulus, 2015. Blog: <http://paulosuess.blogspot.com> Email: suesspaulo@gmail.com

José Comblin – Três em um

Peregrino, profeta, professor,
sempre três em um,
memória ambulante, missionário, mediador;
com passo lento e voz mansa
ordena tempos, tece redes, cata ventos;
posseiro militante do tempo que ara,
traz de cavernas remotas
notícias de vida e sobreviventes.

Romeiro entre Santiago e Recife,
Padre-mestre de Talca, Barra e o mundo,
testemunha sem ruído,
beato, como Cáppio e Ibiapina,
peregrino na selva da história,
e veleiro que do alto mar
traz a tempestade como se fosse
a brisa suave da tarde.

Lutaste por terra para viver,
Porque a vida só se
dá para quem se deu, para quem amou,
para quem lutou, para quem sofreu.
Sonhaste vinho e pão,
divina energia repartida,
porque todos os seres
têm direito à vida.

Neste tempo em que o sol está baixo
e anões fazem sombras de gigantes
não coube em nada e nada lhe coube;
indignação contida, discordância drenada
na represa da mansidão do povo.
José, não do Egito, mas sonhador como este,
na cisterna e na via láctea,
entre desespero e esperança.

Um dos livros mais belos de José Comblin é "O Enviado do Pai", sobre a centralidade da missão no Evangelho de S. João. Comblin fez de sua vida e de sua teologia um desdobramento dessa centralidade da missão. O livrinho é um *vade-mécum* missionário que nos mostra em Jesus "um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano".

José Comblin era um dos homens e teólogos mais autênticos que conheci, quando estudei em Lovaina, mais tarde como colega em São Paulo, como missionário entre grupos populares e como teólogo em simpósios. Em Medellín, no Congresso dos 40 anos da "Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano", em 2008, encontrei Comblin uma última vez. Lá

ele dizia: "Os bispos de Medellín foram os fundadores da Igreja latino-americana como Igreja particular, que deixou de ser uma cópia das Igrejas europeias". Segundo Comblin, Medellín constituiu um fato extraordinário porque seu foco era a missão da Igreja como serviço ao e no mundo. Medellín assumiu o famoso "Pacto das Catacumbas" de alguns bispos durante o Vaticano II, que representava o compromisso de fundar uma Igreja dos pobres. O horizonte das discussões de 1968 não era a instituição eclesial, mas o Evangelho. Medellín era o berço da Teologia e Pastoral da Libertação. Depois de sua palestra, um aceno significativo que parecia dizer: adeus Medellín, adeus companheiros e companheiras.

Figura 1: Aceno do Pe. Comblin em Medellín



Fonte: arquivo do autor

Hoje não sinto nenhum constrangimento de chamar José Comblin o "enviado do Pai", que veio incomodar-nos. Ele sabia, quando, em 1958, foi enviado da Bélgica para a América Latina que não vinha para uma

missão diplomática de um Núncio. Seu mandato era o *anúncio* precedido por uma nova prática pastoral. Comblin incorporou no padre-mestre, que era, o beato e peregrino nordestino.

Caminhada e movimento, palavras-chave de sua biografia, o levaram para Campinas, São Paulo, Santiago do Chile, Recife, Camaragibe (PE), Quito, Riobamba, Lovaina, Talca, Serra Redonda (PB), Bayeux (1995), na periferia de João Pessoa (PB), e, finalmente, para Barra (BA). Todo ano marcava presença em nosso curso de pós-graduação em Missiologia, de São Paulo. Provocava os estudantes (padres!) com sua ênfase ao laicato, com seu espírito libertário paulino, com sua radicalidade missionária de andarilho e sua autenticidade vivencial. Com o sorriso manso de posseiro militante, desnudou ideologias travestidas de verdades eternas.

Sempre aluno e professor, guiado pelo Espírito e a Palavra de Deus, trouxe de cada uma de suas estações biográficas experiências de Deus, enraizadas na vida do povo. Soube transformá-las em experiência teológico-pastoral marcante – a mais notória delas, a “Teologia da Enxada”. A metodologia era sempre a mesma: Forjar a teologia a partir da vida concreta dos pobres, de seu trabalho e de sua mística, de sua alegria e de seu clamor. Sim padre Zé, aprendemos de você, que teologia descontextualizada é ideologia que defende interesses institucionais!

De cavernas remotas deste Continente, nosso peregrino das Américas trouxe notícias de vida ameaçada, de sobreviventes e de

mártires. Lutou quando era fácil ceder, denunciou, quando era esperado consentir. Seus discernimentos pastorais eram certos, seus prognósticos conjunturais, às vezes, pessimistas. O curso da história, cheio de surpresas dialéticas e voltas inesperadas, o desmentiu em várias ocasiões. José não era adivinho. Era professor e confessor, profeta e testemunha fiel. Quantas lutas teve de assumir por um poço de paz!

Dia 27 de março, no 3º Domingo da Quaresma, pelas 8:30 horas da manhã, José Comblin partiu para a sua Grande Viagem, como costumava dizer, e retornou à casa do Pai. Faleceu no pequeno sítio “Recanto da Transfiguração”, município de Simões Filho (BA), na periferia da metrópole de Salvador (BA). O “Recanto” é administrado por uma comunidade de leigas consagradas à Santíssima Trindade, muito amigas de José. A caminho de Salvador (BA), para fazer um exame médico de rotina, ficara no “Recanto”, que era a sua “Bethânia”. Chegou na quinta-feira, dia 24. Como historiador, certamente, se lembrara nesse dia de outro 24 de março, em 1972, quando foi expulso do Brasil. Desta vez chegou dois dias após celebrar seu 88º aniversário, na Barra (BA), sertão da Bahia. Na Barra, o profeta franciscano dom Luiz Cáppio, o teólogo José Comblin e a samaritana leiga, Monica Maria Muggler, constituíram uma comunidade teológico-pastoral trinitária. Nos últimos anos, quando alguém

perguntava: "Oh padre Zé, como vai o senhor?", ele respondia: "À sombra de um santo como dom Cáppio, eu só posso estar muito bem!".

Hospedado num apartamento, na sacristia da capela do "Recanto da Transfiguração", no dia de sua "Grande Viagem", o peregrino fez a barba, como sempre, tomou seu remédio, colocou o relógio e abriu as duas portas de passagem para a capela e o jardim. Logo retornou. Monica, que o viu do outro lado do jardim, logo veio com um guarda-chuva, pois garoava. Chamou: "José!" – silêncio. Adentrou até o quarto e lá estava José sentado na cama, inerte. Mais tarde, o cardiologista constatou uma embolia cerebral. Morte instantânea. Na hora do crepúsculo, dom Cáppio convidou a celebrar a Eucaristia de corpo presente. Com um sorriso velado nos lábios, José irradiava paz. Terça-feira, dia 28, foi sepultado no município de Solânea (PB), ao lado do

padre-mestre Ibiapina, como era seu desejo.

Um dos seus últimos livros sobre "A profecia na Igreja", José Comblin terminou assim: "Eu estou no final da vida. Tive o privilégio de conhecer de perto e de participar da vida de grandes profetas e também de muitos pequenos profetas, homens e mulheres, que não entraram oficialmente na história. Desejo que muitos jovens possam fazer a mesma experiência".

Deus foi bom com seu servo justo e fiel. O acolheu para a Páscoa definitiva, num Domingo, dia da ressurreição. Chamou o peregrino cansado, sentado, desde um "Recanto da Transfiguração" e um município, Simões Filho (BA), em cujo brasão está inscrito: *Angelus Pacis*, Anjo da Paz. Na sua grande travessia, o enviado do Pai, o padre-mestre José, peregrino e guerreiro, não estava sozinho. Foi acompanhado pelo Anjo da Paz.

Trabalho recebido em: 02/11/2014.
Aceito para publicação em: 03/02/2015.

Comblin: Missão e Liberdade

Comblin: mission and freedom

Luis Carlos de Lima Pacheco¹

Resumo

O documentário Comblin: Missão e Liberdade é uma realização da Revista Paralellus através do Núcleo de Estudos José Comblin da Universidade Católica de Pernambuco. Por meio de depoimentos de teólogos, antropólogos, filósofos, missionários e pesquisadores especialistas em José Comblin se tece a vida e a missão deste padre que dedicou sua vida ao serviço do Povo de Deus numa atitude de grande liberdade e engajamento diante dos desafios de seu tempo. O documentário foi gravado durante Semana de Estudos José Comblin, promovida pelo Núcleo de Estudos José Comblin, que aconteceu em setembro de 2014 na Universidade Católica de Pernambuco e conta com depoimentos de pessoas que conviveram com o teólogo e continuam sendo impactadas por sua reflexão crítica e motivadas pela sua visão da missão cristã no mundo. Duração: 20 minutos.

Palavras-chave: Missão. Teologia da enxada. Liberdade. Cristianismo. Transdisciplinaridade.

Abstract

The documentary Comblin: Mission and Freedom is a realization of the Paralellus Magazine filmed by UNICAP's José Comblin's Bureau of Studies. Through testimonies of theologians, philosophers, anthropologists, missionaries and researchers about the José Comblin's work. The specialists weaves the life and mission of the priest who devoted his life to the service of the people of God in an attitude of great freedom and engagement on the challenges of its time. The documentary was filmed during the Week José Comblin, promoted by the José Comblin's Bureau of Studies which happened in September 2014 at the Catholic University of Pernambuco and has testimonials from people who coexisted with the theologian and continue to be impacted by your critical reflection and motivated by their vision of the Christian mission in the world. Duration: 20 minutes.

Keywords: Mission. Theology of hoe. Freedom. Christianity. Transdisciplinarity.

Link para acesso: a partir das 22h do dia 01/04/2015.

¹ Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Produtor audiovisual, professor de Comunicação e pesquisador em Ciências da Religião e Comunicação. Graduado em Programação Visual pela UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais e graduado em Teologia pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Email: lucapacheco@gmail.com